

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Taynara Lopes de Bairros

**UMA CLAREIRA NO BOSQUE:  
Literatura e trabalhos manuais apoiando o acolhimento  
institucional**

Porto Alegre  
1. semestre  
2018

Taynara Lopes de Bairros

## **UMA CLAREIRA NO BOSQUE:**

### **Literatura e trabalhos manuais apoiando o acolhimento institucional**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

***Orientadora: Profa. Dra. Gládis Elise  
Pereira da Silva Kaercher***

Porto Alegre  
1. semestre  
2018

Taynara Lopes de Bairros

## **UMA CLAREIRA NO BOSQUE:**

### **Literatura e trabalhos manuais apoiando o acolhimento institucional**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Profa. Dra. Gládis Elise Pereira da Silva Kaercher – Orientadora – UFRGS

---

Profa. Dra. Fabiana de Amorim Marcello – UFRGS

---

Prof. Dr. Evandro Alves – UFRGS

*Dedico este trabalho a todos que, à sua maneira, o tornaram possível, me apoiando até sua conclusão. As meninas da instituição Lar de São José por me acolherem carinhosamente. Principalmente à minha família e meus queridos amigos, pela minha formação pessoal, pois assim fui capaz de concluir mais esta etapa da minha vida.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço as pessoas que, com afeto, fizeram parte da minha trajetória acadêmica. A gratidão pelo que sou, por mais que, a seguir, tente expressar com palavras carinhosas aos principais personagens dessa história, jamais será possível, transcrever exatamente o que esse sentimento faz comigo.

Agradeço à Vera Aguiar, que com seus zelos, fez seus questionamentos sobre meu futuro e me fez refletir sobre quais eram os meus desejos e, assim, caminhar em uma nova direção e iniciar a graduação. Hoje, cinco anos após, alcanço, a tão aguardada formatura com muito orgulho.

Agradeço ao Marcel Godoy, por acreditar no meu potencial, antes de qualquer outra pessoa, inclusive eu mesma. Pelos incentivos, pelas palavras de conforto e principalmente por ser minha força, sempre que foi necessário.

Agradeço à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Magero Pitta, diretora executiva do IMADIM, por compartilhar comigo as vivências do projeto “Nós”. Por todo carinho, dedicação, suporte e principalmente por suas contribuições na construção dos meus aprendizados

Agradeço à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gládis Kaercher, que carinhosamente, dividiu comigo dois marcos da graduação, o tão temido estágio, que em sua companhia foram só flores e o dito sofrido TCC, que com suas orientações, completou esse jardim. Obrigada pela afetividade, a atenção e a compreensão em diversos momentos.

Agradeço aos meus familiares, pois saber que o suporte estará lá, se houver necessidade, foram uma segurança, em diversos momentos. Gratidão, principalmente, ao meu pai Amarilio e à minha mãe Jovina: com vocês aprendi a ser batalhadora e não desistir não importa o que aconteça.

Agradeço aos amigos e aos queridos colegas, por compartilharem comigo vivências inexplicáveis, o afeto dos nossos laços de amizade foram suporte, diariamente, para todas as loucuras da rotina, por vezes, cansativa.

É urgente plantar livros na imensa  
cratera onde o mundo se esvazia

Maria Dinorah<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Aforismo. Manuscrito depositado no acervo Maria Dinorah. Localizado no DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural PUCRS.

## RESUMO

O presente estudo buscou investigar como se dá a formação de leitores literários em espaços não-escolares. Para tanto, analisou o relato dos primeiros quatro meses de implementação do Projeto "Nós - quem conta um conto aumenta um ponto", idealizado pelo Instituto Maria Dinorah - IMADIN, com a anuência e apoio do Ministério Público do Rio Grande do Sul, via Promotoria da Infância e da Juventude - Articulação e Proteção, no Abrigo Lar de São José, que atende menores adolescentes em situação de vulnerabilidade, grávidas e/ou com filhos pequenos, no município de Porto Alegre. Buscou-se observar o projeto que proporciona contações de obras literárias clássicas na sua maioria mitos, contos fantásticos e de fadas, associadas à prática de trabalhos manuais, mais especificamente confecção de peças diversas com fios e linhas. Para validar esta prática foram realizados relatos a partir de observações, impressões e anotações dos membros participantes/condutores do projeto, identificando o alcance positivo da vivência literária e dos trabalhos manuais no enfrentamento das adversidades, com vistas a identificar sinais de autoelaboração que resultem no desenvolvimento de potencialidades pessoais e conduzam assim a uma melhora no bem-estar nas acolhidas. Embasado em Cléo Busatto, Clarissa Pinkola Estés, Michèle Petit e Lígia Diniz, procedeu-se a uma pesquisa participante, aplicada e descritiva, com abordagem qualitativa. A análise dos dados apontou para a importância das práticas de contação para a construção de espaços de ressignificação das identidades das acolhidas.

**Palavras-chaves:** Acolhimento institucional. Vulnerabilidade social. Vivência literária. Trabalhos manuais. Autoelaboração. Crianças e adolescentes.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Bazar do Lar de São José.....	50
Figura 2 – Peças para venda no Bazar do Lar de São José .....	50
Figura 3 – Organização das práticas.....	55
Figura 4 – Contação de história realizada pela arte educadora Valquíria .....	56

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>ALGUÉM ENTENDE? .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>DA RODA DOS EXPOSTOS AO ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: uma breve contextualização .....</b>	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>PROJETO NÓS .....</b>	<b>17</b>
3.1	O IMADIN .....	20
3.2	MARIA DINORAH LUZ DO PRADO .....	21
<b>4</b>	<b>QUATRO MESES DE TRAMAS E FIOS: a vivência literária como alento à vivência cotidiana .....</b>	<b>23</b>
4.1	“ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 01.....	24
4.2	“ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 02.....	25
4.3	“ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 03.....	26
4.4	“ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 04.....	28
4.5	“ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 05.....	30
4.6	“ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 06.....	32
4.7	“ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 07.....	34
4.8	“ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 08.....	35
4.9	“ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 09.....	38
4.10	“ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 10.....	39
4.11	“ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 11.....	42
4.12	“ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 12.....	44
4.13	“ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 13.....	45
4.14	“ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 14.....	47
4.15	“ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 15.....	51
<b>5</b>	<b>IMPRESSÕES, SENTIMENTOS E DESENVOLVIMENTO PESSOAL .....</b>	<b>53</b>
<b>6</b>	<b>VOU ME LEMBRAR DESSES MOMENTOS PARA O RESTO DA VIDA .....</b>	<b>57</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>63</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>64</b>
	<b>APÊNDICE A – Autorização de uso de imagem .....</b>	<b>64</b>
	<b>APÊNDICE B - Autorização de uso de imagem .....</b>	<b>65</b>

## 1 ALGUÉM ENTENDE?<sup>2</sup>

Alguém entende? Lurdinha vai Lurdinha vem.  
Carrega o sonho de ser alguém.  
Alguém entende o que pretende no seu vaivém?  
Entende alguém em tempo ausente, o que ela  
sente, sendo ninguém?! (PITTA, 2015, p.149).

O abandono de crianças em espaços institucionalizados não é um fenômeno reservado à atualidade. A orfandade surge atrelada, obviamente, ao conceito de família nas sociedades. Pode-se pensar em tal trajetória desde antes da roda dos expostos, até a atual denominação de acolhimento. Por conseguinte, a relevância em refletir sobre este caminho é o conceito e o peso que as palavras carregam. O que se pensa ao escutar a seguinte lista de nomes: roda dos expostos (os ditos excluídos), órfãos, abrigados e acolhidos? O primeiro carrega o peso da exclusão, aquele que está à margem, portanto não é necessário ter preocupações. Os órfãos são aqueles que, por motivos diversos, perdem o convívio com seus familiares, e acabam em situação de desamparo, assim permanecem em orfanato. Abrigados são aqueles que possuem um espaço para trazer alento para seus corpos. Os acolhidos são aqueles vistos como indivíduos merecedores de receptividade, portanto, espera-se atender as necessidades desse público.

Assim chega-se, contemporaneamente, ao acolhimento. Uma evolução acertada, pois essa palavra traz a receptividade e o afeto que as outras não contemplam. A partir desta nomenclatura, é imprescindível passarmos da fala ao ato. Assim, nas vivências diárias dentro dos ambientes institucionalizados, o acolhimento terá equivalência entre palavra e prática, preocupando-se em atender as necessidades para formação do ser.

As crianças e os adolescentes acolhidos pela sociedade através do poder público<sup>3</sup> encontram-se, essencialmente, em situação de vulnerabilidade. Enfrentam, além das óbvias dificuldades da falta de referencial parental, seja por orfandade, violência e/ou abandono, a própria falta de formação e instrumental pessoal – questão que está na origem mesma de suas circunstâncias desfavoráveis. A inserção de

---

<sup>2</sup> Título idêntico ao título de um poema de Maria Dinorah. In: PITTA, Patrícia. (Org.) MARIA DINORAH LUZ DO PRADO: que falta que ela nos faz. Porto Alegre: Arte em Livros, 2015. 168 p.

<sup>3</sup> No Brasil, tal encargo fica sob responsabilidade do Ministério Público, via Promotoria da Infância e a Juventude.

práticas embasadas na ideia de arteterapia<sup>4</sup> encontra, portanto, justificativa na inquestionável necessidade de atendimento qualificado capaz de proporcionar abertura para novas possibilidades de perspectiva a tal público.

Dentre as instituições que participam do acolhimento institucional no município de Porto Alegre encontra-se o Lar de São José. E, por sua situação *suis generis*, foi selecionada para participar do projeto “Nós: quem conta um conto aumenta um ponto”, idealizado pelo Instituto Maria Dinorah (IMADIN): espaço de referência para o fomento da literatura, cujo objetivo é atender qualitativamente os acolhidos com práticas que associam texto literário e trabalhos manuais com fios e linhas.

O Lar de São José é uma Sociedade Civil, sem fins lucrativos e fundada em setembro de 1953 e localizado no Bairro Santana, Rua São Manoel, 1909, em Porto Alegre. Os serviços prestados na atualidade são: acolhimento a crianças e adolescentes, gestante e/ou com filhos pequenos, creche, SCFV (serviço de convivência e fortalecimento de vínculo). A equipe responsável pela instituição está organizada em: diretoria, conselho deliberativo, conselho fiscal, suplentes. No espaço institucionalizado, o atendimento direto das acolhidas é realizado pelas cuidadoras/educadoras.

As moradoras da Casa Lar de São José são meninas até 18 anos, encontram-se em alguma situação de vulnerabilidade social, cada qual com suas questões para estar nesta situação institucionalizada. Alguns dos motivos são: abandono, abuso, maus-tratos, ou envolvimento com o tráfico. Torna-se evidente que a pobreza não é o principal motivo e nem o único para resultar a chegada delas à casa e tentar utilizá-la para justificar seria uma forma generalista e simplista demais. Essas formas de violência, sendo física ou não, geram questões psicoemocional complexas.

O IMADIN<sup>5</sup> é uma instituição cujo objetivo primeiro é a ampliação do alcance da literatura nos diversos âmbitos da sociedade. Localizado no Complexo Cultural Vila Flores no Bairro Floresta em Porto Alegre, foi idealizado por Patrícia Pitta, graduada em Letras (UNISINOS) mestre e doutora em Teoria da Literatura (PUCRS), e pela

---

<sup>4</sup> A arte é um instrumento essencial para o desenvolvimento humano, advindo daí seu efeito terapêutico. DINIZ, Lígia et al (Org.). MITOS E ARQUÉTIPOS NA ARTERAPIA: Os rituais para se alcançar o inconsciente. 2. Ed. Rio de Janeiro: Wak, 2014. 172 p.

<sup>5</sup> Informações sobre o IMADIN e o “Nós” foram destacadas ao decorrer das práticas, através de diálogos com todas as envolvidas com o projeto.

herdeira da escritora gaúcha Maria Dinorah (1925-2007), Carmen Prado Nogueira com a anuência e o incentivo dos demais filhos.

O projeto “Nós: quem conta um conto aumenta um ponto” agrega contações de histórias clássicas a trabalhos manuais envolvendo fios e linhas. Sabendo a relevância da literatura para o desenvolvimento social emocional e cognitivo, além dos benefícios dos trabalhos manuais para o desenvolvimento do cérebro e da saúde emocional, pensa-se que as duas práticas associadas são capazes de proporcionar uma construção mais elaborada desse sujeito.

A iniciativa proporciona às participantes diversas vivências, a partir dos contos literários, das artes manuais e da interação entre elas mesmas e com as responsáveis pelo projeto, promovendo assim, a construção da noção de mundo à sua volta e ao mesmo tempo de si, em consequência ampliando a percepção de si no mundo. A partir de tais compreensões, surge uma consciência íntima a qual inviabiliza processos de exploração, degradação, desrespeito e desvalorização.

Acredita-se, portanto, ser de grande valia a observação de tal prática a fim de considerar seus méritos e desafios do ponto de vista pedagógico e, em função de sua validade, para o contexto sociocultural no qual se insere. Para a realização de tal estudo, levou-se em consideração as observações realizadas durante quinze semanas de prática do projeto, tendo como questionamento principal, a seguinte pergunta: o projeto exerceu efeitos sobre o grupo e na instituição de acolhimento?

Discutir as possibilidades e limitações que o projeto e seu incentivo a formação leitora podem causar no contexto do acolhimento. Para tanto, iniciar o processo de (re)pensar e (re)descobrir a literatura foi fundamental. A partir dos momentos compartilhados com as acolhidas, durante os encontros, ter um olhar atencioso nas falas, nas posturas ou na interação entre elas e a equipe da IMADIN, trouxe a possibilidade de perceber a relevância desta prática como alento às suas vivências cotidianas.

## 2 DA RODA DOS EXPOSTOS AO ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: uma breve contextualização

Ninguém conte! No horizonte sobre o monte,  
ninguém conte pra ninguém: a cegonha rosa-  
choque faz estoque de neném!  
(PITTA, 2015, p.140).

A prática do abandono não é um fenômeno restrito à atualidade. Para melhor compreendermos como chegamos até o ponto em que nos encontramos, em uma realidade de instituição de acolhimento na modalidade Casa Lar, foi pensado em trazer a trajetória destes espaços, a partir da roda dos expostos ou enjeitados (linguagem utilizada na época). Segundo Pereira (2004), o nome roda dos expostos resultou do objeto que viabilizou o abandono, um dispositivo em forma de uma roda, com um espaço específico para colocar um bebê e logo girar, fazendo com que a criança ficasse para dentro do muro, nas dependências da instituição, tornando-se assim “invisível”. Após, o indivíduo tocava um sino para sinalizar a chegada daquele bebê, e saía sem ser identificado. Desta forma o abandono era sigiloso.

Rizzini (2011), destacou a trajetória do acolhimento no Brasil, apontando o processo inicialmente com a igreja, mais tarde o ligando entidades filantrópicas e, com a implantação da política de atendimento, as crianças e adolescentes em situação de abandono, tornaram-se reponsabilidade do estado. Por volta do século XIX, iniciou-se o movimento que levaria à abolição da roda dos expostos na Europa. Pensando no contexto brasileiro, essa trajetória que resultaria no extermínio das rodas dos expostos foi inicialmente fundamentada com o alto nível de mortalidade, segundo os médicos higienistas.

Gertze<sup>6</sup> (1997) em Porto Alegre foi extinto em 1940, já a última instituição no Brasil extingue a roda em 1950. Na maternidade da Santa Casa de Porto Alegre, foi então criado um berçário.

Com o passar dos anos, as instituições de acolhimento deixaram de ser nomeadas como rodas dos expostos, e passaram a ser chamadas de abrigo, o qual não era mais um dispositivo onde se entregava uma criança. Essa decisão gerou um

---

<sup>6</sup> GERTZE, Jurema Mazuhy, extraído do livro **Casa da Roda: Guia de fontes**. Porto Alegre: ISCMPA, 1997. <disponível em: [http://www.centrohistoricosantacasa.com.br/historia\\_conteudo/roda-dos-expostos/](http://www.centrohistoricosantacasa.com.br/historia_conteudo/roda-dos-expostos/) acessado em 16 de julho de 2018.

resultado que influenciou nas questões sociais, o sigilo já não acontecia da mesma maneira, o que acarretou no crescimento da população, e diminuição da quantidade de crianças abandonadas. Também se iniciou um processo de pensar a instituição com um olhar mais escolarizado, para que com o passar dos anos as crianças tivessem maior aporte cultural. Essa breve síntese não entra em questões como a influência da religião nos abrigos, separação por cor, sexo e condutas de penalidades. Novas leis tornaram-se necessárias com o decorrer do tempo.

No ano de 1940 foi criado pelo Governo Federal o Departamento Nacional da Criança e, posteriormente, surgiu o Serviço de Assistência a Menores (SAM), seguidamente, também foi criado o Sistema S (Serviço Nacional de Aprendizagem – SENAI, Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, Serviço Social do Comercio – SESC). Estas entidades não estatais ofereciam aulas com o intuito de construir uma formação profissional para adolescentes.

De acordo com (UNICEF)<sup>7</sup> Com relevância internacional foi criado O Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF, que em inglês é *United Nations Children's Fund*, assim surge o pensamento de promover os direitos das crianças. Essa, uma agência das Nações Unidas, existe hoje em diversas localidades ao redor do mundo. No Brasil, o ano de 1948 foi importante para avanços na temática com a aprovação do artigo 227 da Constituição Federal. Em 1990, com a promulgação e aprovação do ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente, torna-se um caminho para se pensar as intervenções na infância e na adolescência brasileira.

A partir da quebra na convivência com suas famílias, suas várias formas de separação parental, essa interrupção transfere a responsabilidade da instituição família para a instituição de acolhimento (Estado). Responsabilidade em todas as questões, mas, principalmente, nas que visam a construção do cidadão, mais especificamente com seus projetos para vida durante a convivência institucionalizada, assim como após ela. Dessa forma, as crianças e os adolescentes passam a ser responsabilidade do Estado, e ficam sob a supervisão da instituição a que foram encaminhados. É necessário refletir sobre essa questão, pois quando o abandono ocorre precocemente e por um grande período de tempo, o que será destes indivíduos

---

<sup>7</sup> [https://www.unicef.org/brazil/pt/overview\\_9489.html](https://www.unicef.org/brazil/pt/overview_9489.html)

se não forem bem elaborados, podendo impedir a sua autonomia e vivências, inviabilizando uma inserção saudável em relação ao coletivo social.

Diante de muitas necessidades surge a instituição de acolhimento nomeada Casa Lar. Em meio ao emaranhado de privações, é preciso (re)pensar e renovar as práticas no cotidiano dos indivíduos, sendo elas crianças ou adolescente em situação de violação de direitos, isto é, abandonadas.

Em 2010 foi lançado um edital pelo Conselho Municipal do Direito da Criança e do adolescente (CMDCA), de Poços de Caldas/Minas Gerais, o qual solicitava que a instituição de acolhimento passasse a ser nomeada como Casa Lar. Resumindo esse caminho de legislação e pensando no reflexo delas na prática, pensou-se em formação e contratação de uma equipe mais engajada nas questões sociais relacionada às vivências dessas crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Também tem a intenção de se pensar no imóvel que seja capaz de acolhê-los dentro das normas, visando uma adaptação mais adequada nessa transição.

Na definição, a Casa Lar é um modelo de acolhimento provisório, visando a inserção da criança novamente à sua família, ou em uma nova a partir da adoção (não que isso ocorra de forma tão válida). Nesse local, pelo menos um indivíduo (educador/cuidador) permanece residindo, além de outros profissionais, para atender a todas as necessidades do ambiente e dos moradores, visando um ambiente mais organizado como uma residência para as crianças e adolescentes afastados do seu convívio familiar, até que seja possível o seu retorno ou a inserção num seio familiar. Aqueles que não passam por nenhum destes processos permanecem nestes locais institucionalizados até que completem a maioridade.

Para simplificar e perceber as principais características que diferenciam as modalidades de abrigo e casa lar, a primeira possui uma característica de ter em torno vinte indivíduos. Já nas casas lares, esse número vai para próximo de dez. A intenção de ter um profissional residindo no espaço da casa é criar um vínculo que propicie laços de afeto, e que esses laços reflitam nas relações que a criança ou o adolescente tenham para que as mesmas sejam mais saudáveis e estáveis. Assim, espera-se que a rotina seja mais flexibilizada e com olhares menos institucionalizados.

Afirmo que essas considerações são resumidas, e não a partir de uma pesquisa colocada em prática em diversas instituições. São considerações a partir de pesquisa em documentos sobre o que se pensa sobre esses locais institucionalizados, desde a roda dos expostos, para que se possa refletir sobre a trajetória, e entender como chegamos nesse contexto.

Acreditando que a fala orienta o ato quando nos referimos às crianças como expostas/excluídas, nossas práticas já serão tratando os indivíduos como excluídos da sociedade, então para que é necessário pensar na formação desse ser? Porém quando pensamos em crianças e adolescentes acolhidos em casas lares, a prática passa a ter um caráter de consideração com esse ser, e pensar em projetos para sua formação não se torna uma realidade distante deste pensamento. Não que somente pelo fato das palavras estarem lá a prática acontecerá. Mas crendo que a fala orienta o ato, já temos a fala, sendo necessário continuar evoluindo e colocá-la em prática nos atos do cotidiano com estas crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

### 3 PROJETO NÓS

Todo poema é armadilha que à liberdade conduz.  
Nos prende enquanto estribilha, nos solta, em  
asas de luz. (PITTA, Patrícia (Org.). 2015, p.114).

O projeto “Nós”, que é um dos projetos pensados pelo IMADIN, mais precisamente pelo Espaço Semente Mágica do instituto, traz contações de histórias de contos clássicos, lendas e mitos e, juntamente, proporciona a aprendizagem de trabalhos manuais como tricô, crochê e macramê. As duas práticas são desenvolvidas como forma de apoio a cada uma das meninas participantes assistidas pelo Ministério Público no município de Porto Alegre (RS), através da Promotoria de Justiça da Infância e da Juventude.

O Projeto foi inicialmente pensado para atender o abrigo de São José, localizado na rua São Manoel, 1009, no Bairro Santana, em Porto Alegre. Os mediadores do projeto de leitura e trabalhos manuais são profissionais das letras e das artes dramáticas habilitados e capacitados para atender ambas as tarefas e atuam sob a supervisão dos profissionais do IMADIN representados pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Pitta e pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Isadora Dutra.

Os encontros acontecem em visitas sistemáticas nas terças-feiras. A casa acolhe crianças, adolescentes, gestantes ou não, e seus bebês, todas de vulnerabilidade social; cada moradora com seu histórico pessoal.

Tal condição gera questões psicoemocionais complexas na rotina, e em seus relacionamentos entre elas na casa; conflitos os quais dizem respeito a aspectos psicológicos que são associados às questões emocionais e de afeto. Assistidas pelo Ministério Público no Município de Porto Alegre, é relevante relatar que não foi uma opção feita pelas meninas estar neste lugar; foi efeito contrário, a falta de opção, sendo através de abandono, retirada de sua família, ou formas diversas de violências, fizeram com que o Lar de São José se tornasse seu novo espaço – utilizei a palavra espaço, em detrimento da palavra lar, tendo em vista que espaço remete ao lugar que é o ofertado às assistidas. A palavra lar traz o sentimento de afeto, de reconhecimento e pertencimento a um determinado lugar e, visivelmente, falta olhar mais específico para suprir certas necessidades para que ocorra uma convivência diária com experiências mais saudáveis.

Por este motivo, o objetivo geral do projeto “Nós” é importante para as meninas, pois consiste em proporcionar condições de autoelaboração e desenvolvimento pessoal através das vivências literárias juntamente com os trabalhos manuais com fios e linhas, e das trocas de experiências e pontos de vista em torno do texto orientado por um leitor experiente.

Fomentar a arte literária em qualquer idade e em qualquer espaço é sempre sinônimo de enriquecimento, mas proporcionar momentos que desencadeiem o hábito da leitura, bem como de contações de histórias para aqueles que somente têm acesso a essas vivências na escola, se a frequentam, significa abrir um leque de oportunidades, de conhecimento e de cultura sem igual. Sendo assim, há essa imediata necessidade de práticas com atendimento qualificado dentro de um espaço institucionalizado que sejam capazes de proporcionar às crianças e às adolescentes gestantes ou não, e/ou com bebês, uma abertura para se pensar em novas perspectivas, a partir da instrumentalização, para que ocorra o enfrentamento de suas problemáticas.

Pensando que além do fator de vulnerabilidade que as levou até a instituição, sendo por violência, abandono ou pobreza, algumas delas também precisam ser responsáveis pela vida de outrem. Como já mencionado, a instituição acolhe adolescentes gestantes e adolescentes mães com seus filhos. Sendo um espaço para menores de idade, percebe-se que as gestantes que residem são sempre adolescentes, às vezes, mais jovens do que se espera. Porém, ao observar as escolhas comportamentais das acolhidas, ao longo da escrita dos relatos foi necessário deixar o olhar de julgamento de lado, pois não se sabe quão difíceis foram as trajetórias delas até a instituição, ou por realmente saber o ocorrido<sup>8</sup>, mesmo assim não cabe o julgamento.

Além das obras literárias, o projeto engloba propostas associadas ao trabalho manual: confecção de peças de crochê, macramê e tricô a partir de fios e linhas. Segundo Diniz et al (2014), cada ser é único e a arteterapia facilita chegar a esse âmago que é compreender a singularidade do ser, de chegar à sua essência. Pressupondo que é possível vivenciar o que é mais essencial dentro do indivíduo, a

---

<sup>8</sup> Durante alguns encontros, a confiança das acolhidas com as pessoas envolvidas no projeto, proporcionou momentos de abertura sobre suas vivências anteriores à chegada na instituição, não foram detalhadas ao longo dos relatos, pois além de não ser o foco do trabalho, evidenciaria uma exposição de questões pessoais de cada uma.

partir da arteterapia, escolhida por cada um como, por exemplo, música, dança, pintura entre tantas outras.

Percebemos, com base em nossa empiria, que as pedagogias tecidas no campo artesanal passam a ter um papel muito importante na vida das mulheres, conferindo-lhes – por mais paradoxal que isto possa parecer –, o direito à liberdade de pensamento, sentimento e imaginação. (CASTRO, TEIXEIRA, 2015, p.2)

Assim, pode-se justificar a necessidade do projeto “Nós” no Lar de São José, com o atendimento qualificado e com livros escolhidos a partir de contos clássicos, como uma potencialidade transformadora para criar hábitos de leitura de textos literários associada às atividades de trabalhos manuais.

Nos relatos de Michèle Petit (2009), no livro “A arte de ler ou como resistir a adversidade”, encontram-se dados que apontam para o aumento da procura por bibliotecas e livros em diversas situações no mundo, como no período da Segunda Guerra Mundial, e na queda das Torres Gêmeas em New York. Em seu livro há relatos sobre como essa procura acabou “salvando” as pessoas. Refletindo sobre questões de violência, perdas de direitos ou diversas questões relacionadas à vulnerabilidade social, e embasando-se na leitura do livro da autora, pode-se dizer que as obras literárias proporcionam “salvação”/“libertação”/“refúgio” da realidade ao trazer a ideia de que a literatura é uma arte engajada como ação social de desenvolvimento pessoal e humano. É um elemento essencial de autoelaboração em momentos de grande dificuldade pessoal, ou em contexto coletivo.

Acreditando nisso, e tendo o conhecimento de que os sujeitos das práticas do projeto sofreram rupturas em suas vidas, como perda de casa ou de paisagens familiares as quais resultam num “confinamento” em espaços institucionalizados, e também em um tempo imediato, sem visar um futuro diferente. Pressuponho que a arte é um dos instrumentos mais adequados, nesse contexto de vulnerabilidade social. A arte pode garantir força de vida necessária, através do acesso ao texto literário que permite compartilhar experiências, sendo elas vividas ou através de imaginação; permitindo que cada um possa realizar a sua leitura sobre a realidade e realizando a elaboração da mesma, construindo uma noção de si e do mundo à sua volta. Toda interferência positiva que essa abordagem proporciona é de extrema relevância, por isso, o papel do profissional que faz essa mediação, para fomentar o acesso a literatura, é essencial e necessariamente ele precisa ter noção da potencialidade da

arte literária para através delas colaborar com esse processo de autoelaboração ao incentivar o gosto pela literatura e uma escolha adequada dos títulos.

No projeto “Nós: quem conta um conto aumenta um ponto” o perfil do mediador de leitura é o de um profissional com conhecimento, para além do texto, também do benefício dos trabalhos manuais, pois cabe a ele a responsabilidade da mediação das duas práticas, pois elas abarcam a produção de peças com fios e linhas associando-se positivamente as de contações/leituras. Assim percebe-se que o projeto visa uma atividade criativa e também produtiva.

A prática da tecelagem, através da sua natureza rítmica e repetitiva, acalma e reconforta. Além disso, as produções de peças, através dessa proposta, resultam em um produto que pode ter diversas utilidades, para o sujeito que está inserido nesse contexto como uma melhora na sua autoestima.

Entretanto, para além de todas questões citadas anteriormente sobre as práticas e vivências compartilhadas, ao implementar o projeto “Nós” em um espaço de acolhimento, pretende-se levar momentos de leveza e fruição que proporcionem uma trégua, um “respiro”/“alento”, frente à problemática na qual cada uma se encontra. Dessa forma, carinhosamente o nomeei como: uma clareira no bosque.<sup>9</sup>

### 3.1 O IMADIN

De acordo com Pitta (2015), a criação do IMADIN surge com o encontro de duas pessoas dedicadas às vivências literárias. Patrícia Magero Pitta, que iniciou sua graduação em Letras, na UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, concluiu mestrado e doutorado em Teoria da Literatura na PUCRS – Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul e, em seu pós-doutoramento, ainda em Teoria da Literatura, concentrou seus estudos sobre a escritora, professora e pensadora Maria Dinorah Luz do Prado, e a herdeira dessa, Carmem Prado Nogueira. Por questões de trâmites para ter as autorizações necessárias para o estudo, Patrícia necessitou contatar os filhos da escritora, Luiz Carlos, Luiz Alberto, Maria Luiza e principalmente

---

<sup>9</sup> Nome inspirado em GIRARDELLO, Gilka. *Uma clareira no bosque: contar histórias na escola*. São Paulo: Papirus, 2014. p.108.

com a Carmem, a filha caçula. A partir deste encontro ocorreu a organização de uma obra/homenagem “Maria Dinorah Luz do Prado: que falta ela nos faz”. A contar deste momento e dos sentimentos que vieram à tona, cresceu nos herdeiros o desejo de revitalizar a obra de sua mãe e, na pesquisadora, o anseio em promover a arte literária imbuída do espírito da escritora homenageada.

Surge, então, o IMADIN - Instituto Maria Dinorah: espaço de referência para o fomento da literatura. Tendo como objetivo geral<sup>10</sup> impulsionar a arte literária ao facilitar o convívio do indivíduo com a literatura, criando relações entre eles através da recepção e produção de textos literários, juntamente com outras manifestações artísticas como teatro, música, cinema, além de explorar o legado da Maria Dinorah, suas produções e acervos.

O IMADIN encontra-se distribuído em cinco espaços virtuais cujos nomes são homenagens a títulos das obras da Maria Dinorah: o Espaço no Tempo e na Vida, o Espaço Guardado de Afetos, o Espaço Coração de Papel, o Espaço Três Voltas de Ciranda e por último, o responsável pelo projeto “Nós”, o Espaço Semente Mágica. Estes espaços atendem sujeitos jovens nas atividades de contação de histórias e apoia a leitura de textos literários e as práticas de produção textual;

### 3.2 MARIA DINORAH LUZ DO PRADO

Maria Dinorah nasceu em Porto Alegre e viveu sua juventude em Torres, retornando somente em 1938. Foi professora alfabetizadora, formada em Letras pela Faculdade Porto Alegrense de Filosofia, Ciências e Letras em 1967. Foi mestre em Literatura de Língua Portuguesa pela UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1978.

A maior parte de seus livros são de poesias e de literatura infantil e infanto-juvenil, também passou pela escrita de paradidáticos. Foi a primeira mulher a ser patrona da Feira do Livro, em 1989, na sua trigésima quinta edição. Atuou na imprensa, fazendo parte de uma coluna de crítica literária. Organizou e apresentou o “Programa Viva o Livro”, da Rádio Feplam/RBS, em Porto Alegre.

---

<sup>10</sup> Dados obtidos através de diversas vivências propostas pelo IMADIN, e não somente nos momentos compartilhados na instituição de acolhimento.

Dinorah ganhou prêmios, títulos, homenagens e honrarias, atualmente através do IMADIN, alguns de seus escritos começaram a ser descobertos, outros reabertos e revistos.

#### **4 QUATRO MESES DE TRAMAS E FIOS: a vivência literária como alento à vivência cotidiana**

O livro é aquele brinquedo,  
por incrível que pareça,  
que entre um mistério e um segredo,  
põe ideias na cabeça.  
(PITTA, 2015, p.59).

Os encontros são realizados na biblioteca da casa. Cada encontro prevê dois momentos: primeiramente iniciamos com uma contação de história, escolhida previamente pelos pesquisadores responsáveis. Algumas vezes, as acolhidas são chamadas à escolha, dentre alguns títulos pré-selecionados, para que seja ampliado o interesse pelo texto literário. No momento seguinte, é realizada confecção das peças, com os materiais levados pelo IMADIN. Por vezes, as contações acontecem concomitantemente aos trabalhos manuais, isto é, enquanto as meninas, geralmente mais ágeis, já realizavam a confecção das peças, a contação acontecia. Os objetos confeccionados variam conforme os encontros e a disponibilidade de cada menina para dar continuidade ao longo da semana, e não somente na hora estipulada do projeto. Foram criados tapetes de formas variadas, colares, pulseiras, anéis, cestos, bolsas, entre outros. A venda dos materiais pode ser realizada pelas meninas ao longo das confecções, ou no brechó - os eventos são organizados pela casa e o valor arrecadado será usado pelas meninas.

Ao longo do projeto não tivemos uma quantidade exata de acolhidas participando. A variação foi entre 6 a 15, pois nem sempre todas puderam participar em todos os encontros. Houve transferências, evasões, saídas por completarem 18 anos, dentre outras questões da rotina de cada participante.

O estudo se propõe a analisar os efeitos das práticas mencionadas anteriormente, no contexto do acolhimento. Para a apresentação dos encontros, buscou-se a produção de dados através de registros de uma observação participante, de forma sintetizada, com breves descrições e poucas impressões, com intuito de que a partir do assunto cada indivíduo possa fazer suas reflexões, pois o destaque foi focando em sua maior parte nas situações resultantes das práticas de contação/leitura e trabalhos manuais, porém não se distanciando de fatos ocorridos com as acolhidas participantes do projeto.

#### 4.1 “ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 01<sup>11</sup>

Dia: 09 de janeiro de 2018, chegada às 17h50min.

Público atendido: E (18 anos) – mãe da M (2 anos); A (17 anos); F (16 anos); J (17 anos) mãe da S (4 meses); C (16 anos); M (12 anos); J (20 anos)<sup>12</sup>

Equipe do IMADIN presente: Patrícia Magero Pittta, Luciana Balbuena e Valquíria Cardoso.

Texto apresentado: “O pescador e sua esposa”, Irmãos Grimm (domínio público)

Em dezembro de 2017 realizou-se uma festa de inauguração do projeto “Nós: quem conta um conto aumenta um ponto” para minimizar a ansiedade das acolhidas e para a entrega dos materiais que seriam usados nas confecções das peças como linhas, agulhas e tesouras sem pontas.

Ao chegarem na instituição na terça-feira (dia escolhida pela administração do espaço como melhor momento para realização das práticas) a equipe do IMADIN foi recebida com afeto, principalmente a contadora/arte-educadora Valquíria; com as demonstrações de carinho o trajeto até a biblioteca foi um pouco lento. Euforia aparentemente pela espera do primeiro encontro. Os filhos das acolhidas também participaram deste momento.

Os materiais entregues anteriormente, em grande parte, foram perdidos. Mesmo que ainda não estejam habituadas com a práticas, percebe-se uma desorganização em relação aos materiais. Apesar disto as práticas não foram prejudicadas, pois foi ensinado as acolhidas uma técnica que não é necessário a utilização de agulha. A confecção foi realizada somente com as mãos e as linhas, foi preciso revezar o uso das tesouras restantes. Foi retomada, através de conversa com o grupo, a importância do cuidado com os materiais para dar continuidade nos outros dias e a relevância de manter os materiais organizados.

---

<sup>11</sup> Título escolhido a partir da escrita da acolhida E (18), sobre os seus sentimentos em relação ao projeto “Nós”.

<sup>12</sup> Optou-se por substituir o nome, utilizando a letra inicial do mesmo mais a sua idade, nos relatos de cada encontro.

Optou-se que nos primeiros momentos a contação seria o encerramento do dia, pois os questionamentos em relação aos trabalhos manuais eram muitos. Desta forma, ocorreu a possibilidade de responder todas as perguntas.

E (18 anos) e C (16 anos), demonstraram bastante destreza e atenção. F (16 anos) demonstrou agitação e em alguns momentos certa agressividade nas palavras escolhidas durante os diálogos. A (17 anos) conseguiu melhor desempenho ao realizar o crochê com as mãos sem a agulha. Estas situações geraram questionamentos quanto ao ritmo de desempenho; a equipe do IMADIN, na medida do possível, tentou tranquilizá-las, pois cada uma teria o seu ritmo e que isso não era empecilho.

Dificuldade em lidar com sentimentos variados, ao necessitar esperar quando a atenção estava direcionada a outra acolhida, também palavras desrespeitosas entre elas eram a forma de conversa. Mesmo que as assistidas estivessem, aparentemente, ansiosas para o momento de contação, foi possível perceber alguma agitação e dispersão durante a história, permanecer por alguns minutos sentadas no tapete da biblioteca ou em algumas almofadas e concentradas aparentemente foi um desafio.

#### 4.2 “ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 02

Dia: 16 de janeiro de 2018, chegada às 17h50min.

Público atendido: E (18 anos) – mãe da M (2 anos), A (17 anos), F (16 anos), J (17 anos) mãe da S (4 meses), C (16 anos), M (12 anos), J (20 anos) e R (12)

Equipe do IMADIN presente: Patrícia, Luciana, Úrsula Collischonn e Valquíria.

Texto apresentado: “João Jiló”. In: CASASANTA, Lúcia Monteiro. As mais belas histórias. Vol. 3 Belo Horizonte: Editora do Brasil 1976.

Nos primeiros momentos do encontro foi realizado uma orientação quanto a importância do cuidado com os materiais e a implicação disso no resultado do projeto. Também foi dito que a Úrsula desempenha a função de substituta da Valquíria realizando o mesmo papel, assim quando não fosse possível sua participação, não ocorreriam interferências nas práticas.

R (12 anos) foi uma nova acolhida pela instituição e conseqüentemente pelo projeto, porém foi retraída e resistente as práticas, durante a confecção das peças não quis nem ao menos tentar. Quando o grupo foi questionado se haviam falado algo para informar a R (12 anos) do encontro, a resposta foi geral “Claro, a gente só fala disso!”

A acolhida M (2 anos), em um determinado momento, retirou todos os livros das prateleiras da biblioteca e colocou-os no chão, foi possível perceber seu interesse ao manuseá-los, realizou movimentos das páginas do livro concluindo sua leitura; foi enfatizado para E (18 anos), a mãe da M (2 anos), a validade desde momento e o quanto é importante ler contos e fábulas para crianças desde cedo. Tal atitude gerou na E (anos) uma preocupação em quais títulos ela poderia levar para realizar leituras no seu dormitório para a filha antes de dormir. Também foi a primeira acolhida que demonstrou estar à vontade para falar de suas vulnerabilidades, narrou sua história de vida, expôs suas angústias, principalmente as relacionadas a guarda de sua filha. Sabe-se que o afeto da família é de extrema importância na constituição do indivíduo, e que as acolhidas não estão nesse contexto familiar, por estarem abrigadas numa instituição. São adolescentes que precisam assumir a responsabilidade de outrem. Pensando na realidade em que encontra-se me questiono sobre quem irá viabilizar que essa relação entre mãe e filho(a) possa ser o mais assertivo possível, já que claramente a instituição não ocupa o papel de família e considerando que as acolhidas que algumas das acolhidas não possuem referência sobre a maternidade.

Para iniciar a contação do dia, foi questionado quem lembrava da história anterior, todas se lembraram; uma cuidadora da instituição mencionou que compreendeu de onde surgiu a música que as acolhidas cantaram durante toda semana. Relembrar proporcionou um momento de descontração e a contação iniciou com um clima agradável. Assim a contação ocorreu de forma prazerosa, neste dia enquanto permanecera sentadas juntas no tapete ou na almofadas foi percebido melhor aceitação dessa proximidade entre elas.

#### 4.3 “ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 03

Dia: 23 de janeiro de 2018, chegada às 17h50min.

Público atendido: E (18 anos) – mãe da M (2 anos); A (17 anos); F (16 anos); J (17 anos) mãe da S (4 meses); C (16 anos); M (12 anos); J (20 anos); R (12) e P (13) mãe de L (7 meses)

Equipe do IMADIN presente: Patrícia, Luciana, Úrsula, Isadora Dutra e Valquíria.

Texto apresentado: “A tartaruga e a fruta amarela”. In: AZEVEDO, Ricardo. “Histórias que o povo conta”. São Paulo, Ática, 2002.

Foram entregues 10kg de linhas e mais algumas agulhas para repor as que haviam sido perdidas. Foi identificado as agulhas com o nome das acolhidas e com o nome de coletivo as restantes, assim poderiam trocar o tamanho das agulhas conforme a peça que seria produzida. Iniciou-se novamente uma conversa sobre a importância de cuidar os materiais.

Percebeu-se que R (12 anos) não acompanhou a descida do grupo; com uma certa indelicadeza, uma das cuidadoras disse que ela estava entre a parede e o sofá, pois tinha falado ao telefone com sua mãe, que sempre que isso ocorre ela fica avessa a qualquer atividade desenvolvida na instituição.

P (13), mãe de L (7 meses), que a princípio estava fugida<sup>13</sup> e só tinha participado da festa inaugural, retorna à instituição; demonstrou pouco interesse em participar, foi silenciosa na maior parte do tempo, interagiu pouco, porém durante as propostas de trabalhos manuais produziu o tempo todo. O conflito de sentimento é algo que aparece constantemente entre as acolhidas, a vontade de querer participar ativamente e o medo dessa entrega era visível. Não se pode afirmar que existe um único motivo para essa sensação, mas é possível perceber uma insegurança em dedicar-se em algo novo.

Notou-se uma maior produção em relação ao crochê, pois praticaram durante a semana; houve interesse em aprender novas técnicas e pontos diferenciados. Alguns momentos foram interrompidos para que fosse dada atenção as crianças pequenas para atender as suas necessidades e seus choros, por vezes, as intervenções são feitas pela equipe do IMADIN ou com suporte delas, para que a forma com que as crianças sejam acolhidas ou ninadas acontecesse de maneira mais

---

<sup>13</sup> Palavra utilizada pelas acolhidas da instituição.

adequada possível, pois as mães nem sempre tomam a iniciativa de suprir a necessidade das crianças, ou iniciam está movimentação, porém nem sempre de maneira assertiva.

Novamente, M (2 anos) mostrou interesse pelos livros da estante e manuseou-os, quando terminou de ler, passeou pela biblioteca com linhas ou peças já confeccionadas pelas acolhidas. Sua mãe solicitou novas indicações de títulos, queria a indicação de sete, justificou-se que era um para cada dia da semana; J (17 anos) afirma que por estar no mesmo quarto participa escutando as histórias.

Em determinado momento a Patrícia responsável pelo IMADIN foi até a sala da instituição na tentativa de trazer a R (12 anos) para a biblioteca; passados alguns minutos, as duas retornam, porém, a acolhida permaneceu resistente e mencionou que estava triste e não queria fazer crochê, somente participaria da contação de história. É lhe dado uma atenção especial e então decidiu participar das práticas de trabalho manual também. Aparentemente sua dificuldade está atrelada a sua falta de interesse e não pela complexidade das propostas. Por vezes, desiste e retoma, jogando e pegando os materiais de cima da mesa. Por último foi grosseira e grita, porém, percebeu que fez algo errado e pediu desculpa. Foi visível o conflito de sentimentos.

A contação começa e todas organizam-se relativamente bem, mas inicialmente ainda se percebe uma agitação. É notório que a contação proporciona um momento de prazer, acalmando os ânimos. As intervenções feitas por elas durante as contações são apropriadas ao momento, sendo para contribuir com a história ou para relatar algo que esse momento proporcionou. Chegando próximo do término do encontro e da história observou-se um conforto e assim ocorreu a volta de todas para casa e a despedida da equipe as acolhidas de forma carinhosa e tranquila.

#### 4.4 “ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 04

Dia: 30 de janeiro de 2018, chegada às 17h50min.

Público atendido: E (18 anos) mãe da M (2 anos); A (17 anos); F (16 anos), J (17 anos), mãe da S (4 meses); C (16 anos); M (12 anos); J (20 anos); P (13), mãe de L (7 meses); D (14 anos), grávida de dois meses e S (17 anos).

Equipe do IMADIN presente: Patrícia, Luciana e Úrsula.

Texto apresentado: “Ave em concerto”. In: PINSKI, Mirna. “Ave em concerto”. São Paulo: Ed. Paulinas 1984.

No momento de chegada da equipe do IMADIN a agilidade das acolhidas em expor a quantidade de peças produzidas durante a semana foi observada. Todas estão ansiosas para iniciar a produção, o sentimento de alegria, tomou conta, pois sentiam-se capazes de confeccionar algo.

A equipe é informada que R (12 anos) fugiu novamente da instituição. Sem poder saber, qual o motivo que a levou a fazer essa escolha, me deparo com um turbilhão de sentimentos e a dúvida, porque uma menina de doze anos acredita que fugir era sua única opção.

As novas acolhidas já estão a par do projeto e iniciaram as produções durante a semana com auxílio das colegas, também conseguiram produzir peças, pois o grupo organizou-se e dividiram os materiais com D (14 anos), grávida de dois meses e S (17 anos).

Úrsula integrante substituta de Valquíria, no grupo do IMADIN, ensinou a confecção de uma nova peça, a produção de bolsa e alças começaram. D (14 anos) não interagiu muito durante o encontro, pareceu ser quieta e observadora, porém S (17 anos) foi participativa, interessada e nas peças produzidas por ela, percebeu-se uma qualidade em cada ponto feito, sua destreza foi percebida rapidamente. A insegurança daquelas que chegam na instituição está tão a mostra que é impossível não questionar quantas outras lugares e outras pessoas passaram pela trajetória delas e que as fizeram, ter esse receio em se entregar a algo, mesmo que isso seja a sua vontade.

Durante a contação, Úrsula utilizou o livro como suporte, algo que ainda não tinha sido realizado e que estava previsto somente para o terceiro mês do projeto<sup>14</sup>, foi um momento tão rico, principalmente pelo interesse das acolhidas, que possibilitou a leitura de mais outra obra, sendo escolhida através da biblioteca da instituição, “O sapo que virou príncipe”, In: SCIESZKA, Jon. São Paulo. Companhia das Letras, 2010.

---

<sup>14</sup> Informação conforme comentário realizado da equipe do IMADIN após a leitura.

Sentiu-se o clima menos pesado e principalmente após as contações, as crianças pequenas também permaneceram mais tranquilas e concentradas, a literatura carregou para o grupo um bem-estar coletivo, ao término da leitura estavam relaxadas, isso corrobora no retorno até as principais dependências da instituição, no final do encontro. Já é possível sentir o quanto o momento de contação é importante para o grupo, as tranquiliza a ponto de refletir nas suas atitudes, fala e na relação interpessoal. Foi evidente através das demonstrações de carinho das acolhidas com a equipe, que está iniciando a construção de uma relação de afeto.

#### 4.5 “ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 05

Dia: 06 de fevereiro de 2018, chegada às 17h50min.

Público atendido: E (18 anos), mãe da M (2 anos); A (17 anos); F (16 anos); J (17 anos), mãe da S (4 meses); C (16 anos); P (13), mãe de L (7 meses); D (14 anos), grávida de dois meses e S (17 anos).

Equipe do IMADIN presente: Patrícia, Luciana, Úrsula e Valquíria.

Textos apresentados: “Nós” – Eva Furnari. Ed. São Paulo: Moderna, 2015 (apedido das acolhidas).

“As aventuras de Alice no país das maravilhas”. Giramundo/trilha sonora John Ulhoa, CD- texto adaptado e musicado.

Como os materiais permanecem na instituição, para que as acolhidas possam usufruir durante outros momentos da semana, cabe a elas cuidarem e organizarem os materiais. Quando ocorre uma falta de cuidado e é percebido, na terça-feira, pela equipe do IMADIN, no momento que irão dar início a organização do ambiente para o início das práticas, percebe-se a importância de retomar o diálogo sobre não descuidar dos materiais. Também foi parte da conversa a possibilidade de compartilhar os materiais, não somente na terça-feira, mas nos outros dias também, para proporcionar o exercício de dividir.

As acolhidas pediram para Valquíria para recontar<sup>15</sup> o livro “Nós” de Eva Furnari, para que todas, incluindo as novas, soubessem que este título inspirou o nome do projeto<sup>16</sup>. Então o pedido foi aceito e combinado que no momento da contação então seria a história decidida por elas.

Percebe-se que as acolhidas se dedicaram fora do horário do encontro, trouxeram peças que construíram durante a semana. Aquelas que possuem maior destreza confeccionaram peças com ponto feitos com muito cuidado e firmes. Neste dia as inquietações surgiram por conta da aprendizagem de novas possibilidades de pontos e formas. Essa era o desejo de algumas.

Os filhos das acolhidas, que são as crianças menores na instituição, apesar de demonstrar estarem bem durante as contações, no período destinado aos trabalhos manuais não existe no projeto, algo de prático para elas. Porém mostram-se mais tranquilas nesse espaço e principalmente neste dia, não houve nenhum desconforto ou choro, desde o início dos relatos, esse foi o primeiro dia que não houveram interrupções para atender as suas necessidades. Pareceram estar adaptadas ao espaço e assim desfrutaram da biblioteca manuseando os livros não somente no tapete da sala, mas por todos lados.

A escolha da história da “Alice no País das Maravilhas”, contada através do CD, nesse momento, todas estavam sentadas juntas, inclusive a responsável pela contação das histórias, essa organização pareceu deixá-las dispersas e foi difícil concentrarem-se na história durante todo o momento, pareceram sentir falta de uma pessoa realizando a contação, ter essa relação olho no olho durante a história, de uma pessoa especificamente direcionando a contação para elas.

Apesar da desconcentração notou-se, que ocorreram diálogos com palavras menos agressivas, a utilização de um linguajar menos desrespeitoso foi percebida inclusive entre elas. O caminho para uma melhor relação interpessoal ainda é longo, mas já foi possível a observação sobre esse desenvolvimento do grupo. Muitos comentários, da equipe IMADIN em relação a evolução que estão tendo nas questões de relacionamento foram direcionadas as acolhidas, que se mostraram satisfeitas com esse retorno. Elogios sobre a forma em que se relacionam não era esperado, quando

---

<sup>15</sup> Recontar, pois a obra da Eva Furnari foi apresentada as acolhidas, no dia em que elas conheceram a Valquíria, num momento anterior aos registros feitos.

<sup>16</sup> Informação que soube juntamente com as novas acolhidas.

receberam demonstraram surpresas, mas terminaram o dia alegres com o retorno que tiveram.

Dia: 13 de fevereiro de 2018, feriado de Carnaval. (Nesse dia não ocorreu o projeto)

#### 4.6 “ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 06

Dia: 20 de fevereiro de 2018, chegada às 18h10min.

Público atendido: E (18 anos), mãe da M (2 anos); A (17 anos); F (16 anos); J (17 anos), mãe da S (4 meses); C (16 anos); P (13), mãe de L (7 meses); D (14 anos), grávida de dois meses; S (17 anos) e J (20 anos)

Equipe do IMADIN presente: Luciana, Úrsula e Valquíria.

Texto apresentado: “O monstro monstruoso da caverna cavernosa” – In: RIOS Rosana. São Paulo: DCL, 2004.

Devido à chuva forte, houve atraso para dar início ao encontro. Na chegada na instituição foi perceptível que o atraso gerou ansiedade, mas em especial nas acolhidas A (17 anos) e F (16 anos).

Foi decidido pela administração que R (12) não poderia participar deste encontro, pois no dia seguinte seria sua audiência. Neste dia também iniciou uma nova cuidadora na casa, então a instituição achou mais prudente esta decisão. A equipe do IMADIN pareceu frustrada com esse resguardo e relataram que acreditavam que ela era quem mais precisa compartilhar esses momentos, ainda mais nessa situação, acreditavam na inclusão e não que a exclusão de um momento agradável seria algo solucionador de problemas.

Já na biblioteca não foi mencionado esse assunto, porém o clima inicial que essa proibição causou foi percebido em todos. Assim foram distribuídos os materiais e elas escolheram as linhas e cores que gostariam de utilizar na confecção das peças, também ganharam bolsas (estilo sacolas) para que pudessem guardar os materiais<sup>17</sup> durante a semana, foi separado uma sacola também para a acolhida que não pode

---

<sup>17</sup> Cabe dizer que elas só têm acesso as tesouras com autorização das cuidadoras/educadoras.

participar desse momento. Para corroborar com os incentivos que estavam tendo em relação a organização, foi pensado em sacolas, assim o material individual também teria um espaço determinado, para auxiliá-las nessa aprendizagem.

Como algumas acolhidas, conforme seus históricos, apresentam deficiência cognitiva, a presença de cuidadoras com o intuito de ajudar seria de grande valia. Segundo relatos da equipe do IMADIN, no momento que é necessário andar pelo espaço e ir dando suporte e respondendo questionamentos de diferentes níveis de compreensão, pois neste momento algumas apresentam grande habilidades outras grandes dificuldades, foi notório que a ajuda das cuidadoras seria útil e a participação delas seriam muito mais valiosa se considerassem este momento como algo relevante para as meninas, porém parece que ajuda-las intervindo nas posturas que surgem entre elas, em relação a escolha, trocas e empréstimos de materiais é algo é algo muito trabalhoso.

Foi um dos momentos que mais foi possível observar o desconforto da equipe que estava proporcionando as vivências deste projeto, com relação as cuidadoras/educadoras da instituição, quando tentavam contornar algumas intervenções visivelmente inadequadas com as acolhidas. Entre o momento de revezamento das funcionárias da instituição foi destacado o quanto seria valioso se elas dessem o suporte necessário para o andamento agradável do projeto.

Assim aconteceu a troca de turno, saiu a (G) que era a nova funcionária e entrou (V)<sup>18</sup> que foi recebida com receptividade pelas acolhidas. Porém o que dificultou o andamento do encontro e, principalmente no momento de contação de história, foram as interrupções que suas conversas paralelas causaram, tentando chamar a atenção para si, por diversas vezes, aparentemente com certa intenção, causou desconcentração no grupo. Apesar da entonação da voz, gestos e toda a interpretação que a contadora tentava realizar para manter a concentração ao longo da história, a participação da profissional da instituição desconcentrou as acolhidas e o término foi não foi como de costume, estavam agitadas, retornaram a utilizar um tom de voz mais alto e com certa indelicadeza com as demais. O retorno para a casa foi um tanto agitado.

---

<sup>18</sup> Optou-se em utilizar as iniciais para garantir a privacidade dos profissionais.

#### 4.7 “ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 07

Dia: 20 de fevereiro de 2018, chegada às 18h10min.

Público atendido: E (18 anos), mãe da M (2 anos); A (17 anos); F (16 anos); J (17 anos), mãe da S (4 meses); C (16 anos); P (13), mãe de L (7 meses); D (14 anos), grávida de dois meses; S (17 anos) e J (20 anos).

Equipe do IMADIN presente: Luciana, Úrsula e Valquíria.

Texto apresentado: “Rumboldo” – Eva Furnari. Ed. São Paulo: Moderna, 2009.

A prática neste dia começou com novas instruções sobre as confecções; foi proposto ao grupo a construção de peças pequenas e quadradas de maxi crochê. Após questionamentos, a equipe explicou que essa metodologia seria para estimular o trabalho em grupo; após construírem vários pedaços, teriam que juntas pensar como seria montado alguns tapetes com as peças confeccionadas por todas. Assim seria importante elas cuidarem a forma em que se relacionam, como conversam e as palavras que utilizam, para que durante o trabalho em grupo as experiências sejam agradáveis. Após as explicações aceitaram tranquilamente a proposta.

Foram entregues os materiais como de costume e o grupo iniciou a proposta, aparentemente conforme o esperado. Porém neste dia o calor estava bastante significativo e a aproximação de uma tempestade, que já era esperada conforme previsão do tempo, gerou um certo desconforto, principalmente as crianças pequenas pareceram mais agitadas; foram feitas intervenções para tentar contornar essa situação, oferecendo-lhes brinquedos e livros e criando cenários para que tal proporção fosse menos sentida.

A educadora/cuidadora (L), que apesar de demonstrar certa indelicadeza, por vezes, até desrespeito em suas práticas com as acolhidas, foi a única que pareceu querer participar do momento destinado aos trabalhos manuais, e fora do período reservado ao projeto convida as acolhidas para fazerem crochê juntas. Percebe-se que a falta de manejo na maioria das vezes não é algo proposital e que as acolhidas não estão muito distantes culturalmente das profissionais da instituição. Relaciono em meus pensamentos nesse momento, a formação dos professores, com as vivências que já tive durante a graduação, a formação continuada é de extrema importância

para que seja mais adequada possível as práticas nas instituições, sejam elas escolares ou não. Também penso que as cuidadoras/educadoras estarem de certa maneira próximo das acolhidas, em seu aporte cultural não é de todo mal, pois nota-se que os vínculos também ocorreram por sentirem-se próximas com vivências parecidas. Isso causou uma certa confusão enquanto eu observava situações que envolveram as acolhidas e as profissionais.

As acolhidas A (17 anos) e F (16 anos) envolveram menos que de costume, aparentaram estar apáticas. Não foi possível detectar o motivo, provavelmente por não conseguirem ou não encontrarem uma forma de se expressar, apesar de ensaiar algumas tentativas. Nesses momentos penso que, quando as acolhidas se encontram aparentemente confusas com seus sentimentos, a literatura é uma aliada poderosa e nos momentos de contação nota-se em seus rostos uma tranquilidade maior.

A contação foi um momento em que conseguiram se concentrar por longo período, a história escolhida foi bem recebida. Após Valquíria sugeriu que uma das acolhidas pudesse realizar uma leitura, assim P (13) candidatou-se, porém, fez ressalvas sobre a dificuldade que poderia ter. No início pareceu um pouco tímida, porém concluiu a leitura com êxito, escolheu “O abraço” (In: ALBOROUGH, Jez. São Paulo: Brinque Book, 2012). Ela teve o apoio das colegas, principalmente da S (17). Antes do término e da saída de todas da biblioteca S (17), P (13) e D (14) escolheram alguns livros para levarem para o quarto. Notou-se que as escolhas foram para elas diretamente e não somente com a intenção de contar histórias para as crianças pequenas, aparentemente este foi o primeiro movimento direcionando a escolha para elas, e demonstraram estar confortáveis e dispostas enquanto realizavam essa escolha.

#### 4.8 “ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 08

Dia: 06 de março de 2018, chegada às 17h50min.

Público atendido: E (18 anos), mãe da M (2 anos); A (17 anos); F (16 anos); J (17 anos), mãe da S (4 meses); C (16 anos); P (13), mãe de L (7 meses); J (20); D (14 anos), grávida de dois meses e S (17 anos).

Equipe do IMADIN presente: Patrícia, Úrsula e Valquíria.

Texto apresentado: “Tecelina”. In: SOUZA, Gláucia de. “Tecelina”. Porto Alegre: Editora Projeto, 2007.

Neste dia a receptividade das acolhidas na chegada pareceu ser menor que em outros, anteriormente esperavam na sacada da casa. Como o portão não estava trancado, a equipe teve acesso as dependências sem ser anunciada, acreditaram no primeiro momento que o interesse nas práticas estava diminuindo. Bateram na porta no alto da escada e não foram atendidas, precisaram bater mais vezes. Quando a porta abriu, uma das cuidadoras/educadoras demonstrou surpresa, como se o grupo não fosse aguardado. Porém quando as acolhidas foram mostrando, uma a uma, o volume de suas produções ao longo da semana, todos aqueles “quadrinhos” de crochê, a sensação desconfortável pareceu diminuir.

Todos foram até a biblioteca, uma das educadoras entregou a chave e verbalizou que acompanharia elas depois, visivelmente isso não aconteceu. Mesmo com o passar do tempo e as práticas acontecendo com frequência, sempre nas terças-feiras, a participação das funcionárias da instituição quase passou despercebida exceto no dia já citado anteriormente em que as falas interromperam a história.

Percebe-se que o cuidador (D)<sup>19</sup> bastante assertivo nas palavras e postura demonstrando interesse no contato com as acolhidas: participou ativamente da prática de diversas maneiras, apoiou as acolhidas dando atenção aos seus bebês, instruiu elas sobre suas produções e suas posturas, nos encontros destaca-se, como nesse dia ter, a participação de algum profissional da instituição. Foi comentado a relevância de sua participação, pois além de interagir mais diretamente com todas, seu posicionamento foi bem cuidadoso e incentivou as acolhidas em diversos momentos.

O encontro começou com algumas combinações visando a organização para produzir peças para o bazar que ocorreria no Abrigo no mês de abril. Assim o mês de março seria de dedicação exclusiva a confecção dos “quadrinhos” de crochê, para a posterior montagem de várias peças em patchwork (prática foi escolhida pelo simbolismo: desenvolver o senso de coletividade e de cooperação)<sup>20</sup>

Nem todas as combinações foram tão bem aceitas pelas acolhidas, pois a equipe do IMADIN solicitou guardar as peças com o intuito de ter um número de

---

<sup>19</sup> Foi escolhido utilizar somente a inicial para identificar o cuidador/educador.

<sup>20</sup> Explicação dada pela equipe do IMADIN ao combinar com acolhidas a técnica da confecção dos “quadrados” para após uni-los e transformar uma peça com a participação do grupo.

material que viabilizasse a exposição no bazar. Também foi dito que a equipe faria um registro das peças para acrescentar essas informações no relato do projeto enviado para promotora. Percebe-se que essa ação foi necessária, pois segundo falas quase nenhuma das peças confeccionadas está em posse das acolhidas. Sem informações precisas, elas afirmam apenas que tais peças foram ofertadas para as “tias” (como elas chamam as educadoras) ou para algum parente ou conhecido.

As práticas começaram rápido e notou-se que a tranquilidade foi chegando aos poucos. Dividir os modelos, para a escolha das cores, foi um momento mais tranquilo que nos encontros anteriores, já que todas confeccionariam algo que após seria unido a outros e não seria uma peça de uma única acolhida. As solicitações por atenção reduziram e a calma e a tranquilidade da prática dos trabalhos manuais possibilitaram a inserção artística como músicas e a leitura de um texto longo como “Tecelina”, além de comentários sobre a rotina e questões pessoais. Houve mais interação verbal e de melhor qualidade neste dia.

O entusiasmo e o volume da produção das acolhidas D (14 anos) - grávida de dois meses, S (17 anos), E (18 anos) e J (17 anos) - mãe da S (4 meses) destacam das demais acolhidas. Sabem fazer, mas não tem o mesmo volume de peças, visivelmente por não demonstrarem entusiasmo: C (16 anos), P (13) - mãe de L (7 meses) parecem desfrutarem mais dos momentos de convívio durante as práticas do que realmente a produção de peças. E J (20) apresenta grande dificuldade, mas é possível destacar o seu esforço em aprender. F (16 anos) não apresenta interesse e destreza nos trabalhos manuais, mas demonstra gostar do convívio e das contações de histórias, mostrava-se mais impaciente, impulsiva e, por vezes, agressiva, agora demonstra atitudes que agradam mais todas em seu entorno. As acolhidas relataram que apesar de ainda se incomodarem com algumas atitudes dela, seu temperamento é mais ameno do que em algumas semanas atrás, por vezes, menos agressiva. A (17 anos), com suas limitações, adere à prática, mostrou-se tranquila e satisfeita; foi sorridente e demonstrou movimentos de afeto com a equipe.

A leitura do texto foi aparentemente agradável e tranquila. A bebê S (4 meses) adormeceu durante a história na cadeira de balanço. M (2 anos) solicitou colo e ficou concentrada na história. L (7 meses) quis mamar e pediu o peito com gestos, sua mãe não gosta de amamentá-lo, como já relatou em outros momentos, mas desta vez pareceu aceitar mais tranquila e protagonizaram uma cena de grande ternura com

beijos e sorrisos, o que é bastante raro entre essa dupla. Foi possível perceber que o encontro finalizou num clima de satisfação e tranquilidade.

#### 4.9 “ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 09

Dia: 13 de março de 2018, chegada às 18h.

Público atendido: E (18 anos), mãe da M (2 anos); A (17 anos); F (16 anos); J (17 anos), mãe da S (4 meses); C (16 anos); P (13), mãe de L (7 meses); J (20); D (14 anos), grávida de dois meses e S (17 anos).

Equipe do IMADIN presente: Luciana e Valquíria .

Texto apresentado: “A menina do fio”. In: BARBIERI, Stela.; VILELA, Fernando. “A menina do fio”. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

Na chegada da equipe as acolhidas agem uma certa naturalidade e as recebem sem euforia e com carinho. Mas todas apresentam seus quadrinhos de crochê ao chegar na biblioteca. As acolhidas A (17 anos) e F (16 anos) relatam que perderam suas sacolas com todos materiais dentro, como já observado, possuem uma dificuldade na organização. No caso de F parece ser para chamar a atenção da equipe, pois ao iniciar a prática ela apresenta seus materiais.

É possível perceber uma certa insegurança, pois algumas apresentam uma quantidade de peças que não corresponde a quantidade de linhas que as foram entregues na semana anterior, é notável que deixaram escondidas (não trouxeram para o encontro) como se não confiassem que novas linhas fossem entregues. A questão de não compartilhar e cooperar ainda é uma problemática no grupo.

Ainda assim, uma organização importante para auxiliar nessas questões começou, as acolhidas organizaram-se em grupos para a conclusão da proposta. Agora os quadrados precisam ser unidos para finalizar os produtos. Valquíria deu as primeiras instruções e coordenou os grupos nos primeiros passos. Embora focadas em realizar a nova tarefa, a eminência de um novo desafio cognitivo ressaltou alguns ânimos. Alguma rispidez entre elas foi percebida e, por alguns momentos, a equipe do IMADIN interveio para conscientizá-las da importância do respeito e da cordialidade para o desenvolvimento de um trabalho humano de qualidade.

A acolhida F (16 anos) mostrou-se deslocada e não entrou em nenhum dos grupos, preferiu realizar as tarefas sozinha, o que a deixou um pouco dispersa e por vezes agressiva, principalmente quando A (17) pegou uma linha rosa na qual ela estava interessada. É notável o quando ela necessita de alguém que faça intervenções e a oriente em relação ao seu temperamento e as consequências de suas ações para o grupo, a equipe do IMADIN o faz com uma certa firmeza, mas com cuidado para que ela compreenda o quando isso deixa suas colegas desconfortáveis. Mesmo sem condições de se conectar com essa nova tarefa, ficou satisfeita em organizar as linhas enroladas e deixa-las em bolinhas, para auxiliar os grupos, no trabalho de união das peças. Ela fez isso com pouca ajuda e bastante produtividade.

Neste dia a leitura pareceu conturbada, aparentaram estar ansiosas com essa nova organização o que deixou o grupo um pouco disperso. Para contribuir na agitação P (13) que diz gostar de ler, tentou puxar conversa com as demais, percebeu-se que o texto a desacomodou, porém não foi possível compreender exatamente o porquê. Essa acolhida mostra-se agressiva muitas vezes, é a que apresenta a fala mais ríspida com todos ao seu redor, até mesmo uma “arrogância” foi notável. Quando está no grande grupo das acolhidas com filhos é a que dá menor atenção a criança, percebe-se seu desinteresse no pequeno e no ato de amamentá-lo. Ao final da prática, é uma das primeiras a iniciar o movimento da saída, pareceu querer se livrar da contação. Apesar dos ânimos estarem um pouco exaltados, a leitura foi proveitosa principalmente para os filhos das acolhidas.

Ao término da prática foi estabelecido que duas das acolhidas ficariam responsáveis pelo material produzido ou em produção. Reconhece-se uma certa animosidade entre S (17) e E (18 anos), foi explicado pela equipe do IMADIN que é uma tentativa de emancipação e organização. Esse novo combinado promove uma certa animosidade no grupo e prometem novas produções para a próxima semana.

#### 4.10 “ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 10

Dia: 20 de março de 2018, chegada às 18h.

Público atendido: E (18 anos), mãe da M (2 anos); A (17 anos); F (16 anos); J (17 anos), mãe da S (4 meses); C (16 anos); P (13), mãe de L (7 meses); J (20); D (14 anos), grávida de dois meses e S (17 anos).

Equipe do IMADIN presente: Patrícia, Luciana e Valquíria Cardoso (contadora/arte-educadora)

Texto apresentado: “As mil e uma noites”. In: ROCHA, Ruth. “As mil e uma noites”. São Paulo: Salamandra, 2010.

Duas das acolhidas iniciam as aulas à noite, por isso não poderão participar do encontro nesta terça-feira, pois ainda seria necessário ajustar os horários das aulas da escola. Por solicitação das meninas até que conseguissem essa organização, gostariam de antecipar o horário do encontro, porém conforme recomendação da administração da instituição não seria possível. Assim as práticas começaram no horário de sempre. Como as duas ficaram chateadas por não poderem participar, a equipe do IMADIN disse que tentaria organizar de uma outra maneira.

Neste dia E (18 anos) também se mostra triste, pois acredita ser a sua última participação. No dia seguinte está agendada sua transferência para outro abrigo; foi uma situação que a equipe tentou contornar e surgiu a ideia de que ela pudesse continuar participando do projeto, como monitora do IMADIN. Essa possibilidade seria discutida, assim sua participação estaria garantida, principalmente devido ao seu desempenho e interesse ao longo dos encontros. Após finalizar esses momentos de angústia, todas foram até a biblioteca.

Uma das educadoras deste dia alimenta L (7 meses) para que sua mãe possa ir junto com as demais, a profissional da instituição comenta de forma breve e apropriada que P (13) não gosta de amamentar seu filho e que demonstra algumas reações inquietantes em relação ao bebê, é notório seu conflito de sentimentos entre o desejo de abandoná-lo e a necessidade de assumi-lo. Não cabe julgar o sentimento que a acolhida demonstra, pois não se sabe como essa gestação ocorreu. Uma jovem de 13 anos que necessita ter responsabilidade por uma terceira pessoa, como deve ser seu preparo psicológico para assumir a vida de uma criança, como será sua referência de maternidade, são pensamentos que não dispersam facilmente ao longo da prática.

Uma das cuidadoras permaneceu na biblioteca junto com o grupo até quase o final do encontro, interagiu pouco, foi cordial e atendeu aos filhos das acolhidas quando necessário. Quando convidada a participar dos trabalhos manuais, pareceu um pouco tímida, mas disse que na próxima semana participaria.

Nesta semana começou com a ordem inversa: a prática da contação ou leitura de história passa a ser feita no primeiro momento do encontro, sem que as meninas se envolvam com os trabalhos manuais. A leitura foi “As mil e uma noites”, a obra foi escutada com muita atenção, as acolhidas pareceram estar concentradas na história de uma maneira bem relevante comparada com outros momentos. A história foi tão bem recebida que as meninas pediram que outro texto fosse lido. Então leu-se “Aladim e a lâmpada mágica”. Todas as meninas ficaram atentas, contudo, apenas S (17) fez questionamentos sobre os textos e as obras. Esta contação proporcionou um relaxamento para iniciar a prática dos trabalhos manuais, mesmo que as acolhidas não verbalizem com frequência o quanto esse momento é importante, é facilmente percebido na postura delas a mudança após as histórias.

Após iniciou o trabalho de fechar os quadradinhos, tal como na semana anterior, e foi introduzida uma nova técnica: um colar de linhas de muito fácil execução para atender as acolhidas que apresentam dificuldades de aprendizado, desta forma, todas estavam envolvidas, sentindo-se bem com suas produções. Foi percebido a intenção da equipe do IMADIN, que foi bem aceita e respeitada por todas. As acolhidas com maior destreza, deram-se conta que aquelas que apresentam maior dificuldade podem colaborar de forma significativa.

Ao longo do encontro tudo pareceu estar tranquilo e correndo bem, única coisa que é perceptível foi a dificuldade no trabalho em conjunto mesmo que elas estejam a par do objetivo. Cooperação, interpessoalidade e interlocução tem sido questões bastante problemáticas neste contexto e que notoriamente é necessário serem exploradas para o desenvolvimento pessoal de cada acolhida. As crianças aparentam estar muito bem com os espaços e as práticas. L (7 meses) engatinhou por todo o espaço durante a prática, bastante sorridente. M (2 anos), como já virou costume, manuseou os livros das estantes que estavam a sua altura, tirando-os todos do lugar. Isso de alguma forma traz-lhe muito prazer. Ela gosta também do fato de ver que a equipe do IMADIN se mobiliza em torno disso.

O encontro pareceu ser produtivo não somente em relação aos trabalhos manuais, mas no envolvimento com a literatura. As histórias de hoje pareceram tocá-las de alguma maneira. O encontro foi agradável e as acolhidas pediram para continuar na biblioteca, após o término das práticas; estavam motivadas a concluir alguns dos seus trabalhos de junção dos quadrados. A solicitação não foi atendida pelas educadoras do dia e isso as deixou tristes. Mas, de forma organizada e tranquila, se dirigiram de volta à casa.

#### 4.11 “ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 11

Dia: 27 de março de 2018, chegada às 17h30min.

Público atendido: A (17); J (20); C (16); P (13 anos), mãe de L (7 meses) e S (17)

Equipe do IMADIN presente: Patrícia, Luciana e Valquíria

Textos apresentados: “O pescador e o gênio” e “Ali Babá e os quarenta ladrões”. In: ROCHA, Ruth. “As mil e uma noites”. São Paulo: Salamandra, 2010.

Neste dia a equipe do IMADIN é autorizada a chegar um pouco antes para que as acolhidas que estudam à noite possam participar. Uma das acolhidas está dormindo e não desce junto com o grupo, após alguns minutos desce e participa. Não há informações oficiais vindas da instituição sobre a F (16), mas as acolhidas relatam que houve um surto<sup>21</sup> e ela precisou ser internada. E (18 anos) foi transferida de instituição, mas gostaria de continuar recebendo instruções, não conseguiu comparecer, mas pede (via mensagem de telefone) para voltar na próxima semana.

Logo na chegada percebe-se uma inquietação em relação à divisão das linhas. As meninas sempre se mostram inseguras quanto à justiça em relação a isso; quem se mostra mais ríspida é P (13). A equipe contorna a situação orientando-as sobre o fato de que se espera delas cooperação e harmonia no compartilhamento dos materiais, e que isso deve ser um objetivo para todas elas, pois as produções serão igualmente vendidas no bazar. Duas das acolhidas mostram os cestos que uma educadora/cuidadora fez para elas, essa é a deixa para que a profissional se aproxime

---

<sup>21</sup> Palavra utilizada pelas acolhidas para relatar os acontecimentos.

de Valquíria e mostre seu interesse pelo tema. Valquíria reforça a importância de as educadoras aderirem à prática para que as meninas sigam o processo nos momentos em que a equipe do IMADIN não está presente, a educadora/cuidadora agradeceu, porém, justificou que haviam tarefas a serem concluídas. Tentando ao máximo não colocar um olhar de julgamento, me questiono porque incentivar a leitura e os trabalhos manuais, também não pode ser parte das tarefas das profissionais, já que é visível o bem-estar que essas práticas desempenham nas acolhidas.

A prática se inicia na biblioteca com uma certa melancolia, duas meninas estão na escola e não há bebês – L (7 meses) está dormindo porque está um pouco doente, S (4 meses) ficou com as cuidadoras porque sua mãe está na escola, como E (18 anos) foi transferida sua filha foi junto. As meninas também estão abatidas e com sono, elas mencionam que acordaram às 5 horas para ir ao médico e isso as deixou cansadas no final do dia.

Na entrada da biblioteca a mãe de L (7 meses) solicita que selecione livros que ela possa contar para o filho e menciona que gosta muito de poesia. Até o final do encontro foram selecionados 5 livros para que ela possa ler ao longo da semana. O encontro inicia-se com mais uma história das “As mil e uma noites” (recontada por Ruth Rocha). Val inicia a leitura de “O pescador e o gênio”. As meninas estão tranquilas. Algumas se aninham sobre as almofadas. Questionadas se querem mais uma história todas respondem que sim. Então Val pergunta se alguma menina gostaria de ler. P (13), que leu num encontro anterior diz que não quer. S (17) mostra-se interessada, mas justifica que lê “gaguejando” e fica com vergonha. Tranquilizada pela equipe do IMADIN e incentivada pelas demais, inicia a leitura de “Ali Babá e os quarenta ladrões”. Sua leitura é fluente e apropriada e não demonstra a dificuldade por ela apontada. Neste momento, uma acolhida lê um texto apropriado enquanto as demais, que ou fazem crochê ou repousam, se conectam com o texto. Foi um momento de grande tranquilidade e conexão entre as meninas. Foi notório a alegria da equipe do IMADIN com esse momento, pois é um dos objetivos do Projeto “Nós”.

Valquíria traz uma nova proposta: um tapete feito com tela e linhas em nó. A prática é simples, pensada em função de acolhidas com menor capacidade cognitiva. Contudo (possivelmente pela apatia do dia cansativo), a prática não alcançou o resultado esperado e apenas duas das acolhidas se mostraram realmente interessadas. Outra dormiu entre as almofadas, desde o início, durante as contações.

P (13 anos) pede a equipe do IMADIN que a ensine a fazer um cesto de Páscoa para enviar para a creche do seu filho. Ao findar essa tarefa comenta com as demais que aprendeu a fazer o cesto e ensina quem quiser; percebe-se uma evolução, pois nunca havia pensado no coletivo anteriormente. Contudo percebe-se que são práticas que precisam ser consolidadas. Uma das cuidadoras entra brevemente na biblioteca e solicita a atenção da equipe do IMADIN e faz comentários sobre o comportamento agressivo das meninas em relação aos materiais quando estão fora da prática. Diz que essa é uma questão problemática e que precisa ser resolvida.

A prática encerra-se com calma e tranquilidade, tendo sido mais longa do que os encontros anteriores pela maior adesão ao texto. S (17) recebe de Patrícia (responsável pelo IMADIN) por empréstimo o texto “Contos e lendas da mitologia grega” (POUZADOUX, Claude; MANSOT, Frederick. São Paulo: Companhia das letras, 2001), mostrando familiaridade com o tema.

#### 4.12 “ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 12

Dia: 03 de Abril de 2018, chegada às 17h30min.

Público atendido: A (17); C (16); J (20); S (17); P (13)

Equipe do IMADIN presente: Patrícia, Luciana, e Valquíria Contadora/arte-educadora.

Texto apresentado: “A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora”. In: TAVARES, Bráulio. A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora” - Literatura de Cordel. São Paulo: Editora 34, 1998.

A prática iniciou no horário planejado, porém, cinco das acolhidas que participam do projeto desde o seu princípio não estavam presentes pelas mesmas questões da semana passada. A equipe IMADIN continuou sem retorno da acolhida que segundo as colegas está internada.

O início é realizado de uma maneira diferente das outras, não foram levados novas linhas e novas agulhas. As acolhidas tiveram que se organizar com os materiais já existentes. Essa organização foi pensada pela equipe do IMADIN para iniciar uma conversa sobre a forma que os materiais devem ser escolhidos ao longo da semana,

quando não existe um profissional do projeto para orientá-las; tal atitude foi pensada a partir da reclamação feita pela profissional da Casa devido ao comportamento das meninas ao realizarem as escolhas dos materiais, esses atritos geram desconforto nas educadoras/cuidadoras.

Houve conversa sobre o fato do projeto “Nós” ser algo idealizado para promover a melhoria da qualidade de vida delas, seu aperfeiçoamento e desenvolvimento, e não para ser razão de desavença e comportamentos agressivos que desestabilizam a vivência entre elas no abrigo. Também foi dito que elas precisam aprender a lidar nessas situações e sobre a importância do respeito mútuo. Tal conversa pareceu ajudar nessas conscientizações. Cabe ressaltar que nesse momento, apesar da conversa ter sido bem aceita, as acolhidas que se demonstram mais ríspidas e agressivas não participaram deste encontro.

Durante a conversa S (17) mostra-se madura e começou a expressar seus sentimentos, expectativas e desconfortos a medida que reconhece o acolhimento da equipe do IMADIN e o reforça o ponto positivo em relação ao seu comprometimento e dedicação à prática. É possível observar que é muito determinada a conquistar uma vida de qualidade. Pouco a pouco expõe suas tristezas, sem, contudo, se mostrar amarga, conseguiu se expressar de uma forma delicada algumas de suas vulnerabilidades.

A prática transcorreu com muita tranquilidade. C (16), S (17) e P (13) produziram com muita seriedade. A (17) e J (20), aprenderam com Valquíria, a fazer colares de simples voltas de fios e adoraram. Fizeram vários, com muito prazer e grande satisfação em ver como ficavam bonitos. Foi uma prática tranquila, e, por isso, um texto longo pode ser lido: “A pedra do meio dia ou Artur e Isadora”, cordel. Ao término da prática todas retornaram calmamente à Casa.

#### 4.13 “ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 13

Dia: 10 de Abril de 2018, chegada às 17h30min.

Público atendido: A (17); C (16); P (13); J (20); S (17) e B (12).

Equipe do IMADIN presente: Patrícia, Luciana e Valquíria Contadora/arte-educadora.

Texto apresentado: “No meio da noite escura tem um pé de maravilha”, de Ricardo Azevedo. São Paulo: Ática, 2002.

Aparentemente a equipe do IMADIN chega ao Abrigo agitada por conta do comunicado da administração recebido naquele dia pela manhã de que o brechó, no qual as meninas ansiavam participar, havia sido marcado para dali a dois dias. Outras duas questões apareceram logo na chegada do abrigo: E (18 anos) estava do lado de fora da porta dizendo que havia sido impedida de entrar pela administração da Casa e P (13) perdido a guarda do seu filho por conta de relatos de maus tratos. E, por orientação da equipe do IMADIN não participou da prática. Foi pedido que ela aguardasse mais uma semana, pois a equipe iria conversar com a administração da Casa e com a representante do MP-RS sobre tal autorização. A equipe do IMADIN aproveitou a ocasião para saber de sua situação fora do Abrigo de São José e ela relatou que está morando na casa de uma tia, irmã de sua mãe, que se prontificou a ampará-la. Disse que antes não tinha coragem de pedir ajuda para família, mas que agora já se sentia capaz disso. Sua saída da Casa Lilás (para onde havia sido encaminhada) também foi explicada. Contou que se sentiu desrespeitada quando lhe foi negada uma mamadeira para a filha num domingo de manhã num horário em que a cozinha estava fora de funcionamento. Segundo ela, isso a deixou muito triste, pois viu como má vontade e “maldade” da atendente da casa em relação à sua filha de apenas 1 ano e 9 meses. Disse que acreditava que elas não mereciam ser tratadas assim. Ao final da conversa, ela foi embora mais calma e confiante.

Antes de iniciar a prática foi necessário, então, atender P (13 anos), a fim de acalmá-la e acolhe-la para a participação das atividades. Foi reiterado que ela se autoanalisasse e percebesse os caminhos que poderia tomar para reaver seu filho ou, se fosse o caso, entregá-lo a melhores cuidados. Conflito de sentimentos que a acolhida já havia mencionado em encontros anteriores. Conversa difícil, porém pareceu estar pensativa nas possibilidades e demonstrou maior calma, foi possível reconhecê-la menos transtornada. Se a perda da guarda é justificada pelos maus-tratos que havia sido percebido pelas cuidadoras/educadoras, como por exemplo, falta de vontade de amamentar seu filho. Reflito e não chego num resultado, o que

justificaria o não amparo adequado dessa acolhida, para que ela fosse capaz de atender em melhores condições seu filho?

Após esses momentos, Valquíria inicia as práticas e realiza a leitura do texto escolhido para o dia. As meninas mostram-se interessadas pela história, que proporciona um conforto maior do que o inicial do grupo, diante de todas as situações que estavam ocorrendo nesse dia, mas algumas muito ansiosas pela finalização dos trabalhos para a participação no brechó. B (12) que é a nova acolhida, mostrou-se tímida, mas interessa e participou das atividades com as outras meninas com tranquilidade. As acolhidas relataram que já haviam ensinado os primeiros passos do maxi crochê durante a semana. O dia seria dedicado a preparar as peças para o brechó do abrigo que ocorreria na quinta-feira. Como foi avisado na terça-feira, nem todas as participantes do IMADIN, conseguiriam participar.

Foram finalizadas e arrematadas várias peças. Também foram organizadas em três categorias: colares, tapetes (de diferentes tamanhos e cores) e bolsas. As meninas, com o auxílio do IMADIN, avaliaram cada peça e atribuíram-lhes valor monetário. Houve uma conversa que o brechó será um exercício de autogerenciamento.

#### 4.14 “ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 14

Dia: 17 de Abril de 2018, chegada às 17h30min

Público atendido: S (17); C (16); J (20); P (13); F (16); D (14), gestante, D (11) e E (13), irmãs.

Equipe do IMADIN presente: Patrícia, Luciana, E (18 anos) – mãe da M (2 anos) (voluntária) e Valquíria.

Textos apresentados: “A caixa de Pandora” e “Orfeu e Eurídice”. In: WILLIAMS, Marcia. “Mitos gregos: o voo de Ícaro e outras lendas” (recontado e ilustrado por Marcia Williams). São Paulo: Ática, 2005.

O encontro inicia cheio de euforia, todas estavam felizes, contaram como se organizaram para o bazar, fizeram cartazes e organizaram o espaço para venda, estavam radiantes por terem conseguido vender algumas peças no bazar que ocorreu

na quinta-feira anterior<sup>22</sup>. D (14), gestante, correu para mostrar o caderno que fez as anotações com relação do que foi ou não vendido, anotações de pendências e de encomendas. S (17) pareceu ter sido bem organizada, tem todas as peças separadas e bem guardadas. Com a informação que o bazar começará a ocorrer com maior frequência, a equipe do IMADIN faz os merecidos elogios as acolhidas e todos seguem para a biblioteca, exceto Patrícia que foi solicitada por uma das cuidadoras para uma conversa em particular. Após, ficamos sabendo que era sobre a preocupação das acolhidas possuírem dinheiro, justificando que elas não conseguem gerenciá-lo. Patrícia relata esse aprendizado também é importante para elas.

Por mais que seja grande a dificuldade das cuidadoras/educadoras em observar como será gasto esse dinheiro pelas acolhidas, cabe ressaltar a importância deste movimento, pois é necessário o aprendizado sobre questões financeiras, para que cada menina saiba administrar seu dinheiro. Nesse espaço de tempo, em que as jovens e as crianças permanecem na instituição de acolhimento, me questiono se a preocupação dos profissionais do abrigo é válida, pois acreditando que a instituição de acolhimento faz o papel de instituição familiar, enquanto são responsáveis pelas acolhidas. Esta situação deveria ser pensada como uma oportunidade de aprendizagem e não como um “problema” criado pelo projeto.

Assim, Patrícia começa uma conversa sobre as vendas e a importância desse exercício e que é um momento de dar um voto de confiança para as acolhidas através da chance de aprenderem a fazer algo prático por elas mesmas, e que sabemos dos riscos, mesmo sendo intrínsecos a qualquer processo de aprendizagem. Cabe reiterar que a possibilidade de comercialização da produção das acolhidas foi discutida com a representante do MP-RS que acompanha a prática no Abrigo de São José, e por ela aprovada e incentivada.

A acolhida E (18), que reinicia sua participação na prática, prefere não entrar na parte de cima da casa, optando por fazer a volta pelo pátio para buscar sua filha, que se encontra na creche na mesma entidade. Reconhece-se mais uma vez que algumas questões a mobilizam, é bonito perceber que a vontade de continuar participando do projeto é maior do que o incômodo de retornar ao abrigo.

---

<sup>22</sup> Pelo fato da administração ter avisado somente dois dias antes, não foi possível o comparecimento ao brechó, para realizar o relato

Assim o encontro continua e Valquíria inicia com a leitura de um texto ao término as acolhidas pedem mais um e é aceito o pedido, permanecem atentas durante as duas contações. O interesse das acolhidas pela literatura proporciona alegria em todas da equipe do IMADIN. A segunda prática começa com a confecção de novas peças, as acolhidas estão em momentos diferentes aparentemente falta conexão entre elas, umas estão mais tranquilas e outras querendo aprender novas técnicas e produzirem. C (16) apesar de quieta inicia rapidamente o trabalho com as linhas. As acolhidas informam que B (12) não está na instituição. Há duas novas meninas: D (11) e E (13), que são irmãs, impressionam pelo delicadeza, gentileza e comedimento em seus tratos.

Após o término das práticas iniciam diversas combinações sobre o bazar, falam sobre os materiais, valores, quem ficará responsável por cada dever, como por exemplo, produtos, vendas e verba arrecadada. Além dos materiais como linhas agulhas, tesouras visando que a perda dos materiais diminua. Apesar dos diferentes sentimentos que estavam sendo expostos o encontro pareceu encerrar com bastante confiança e entusiasmo. Nesse momento pode-se perceber que além das vivências compartilhadas através da literatura e dos trabalhos manuais, o projeto proporciona aprendizagens que as acolhidas necessitarão quando saírem da instituição tanto para questões pessoais ou profissionais. Aprenderam a calcular o valor do material gasto mais e mão de obra realizada, a montar listas de estoque do que foi vendido, do que foi arrecadado e do que ainda será pago.

FIGURA 1<sup>23</sup> – Bazar do Lar de São José

Foto tirada durante o bazar. Arquivo do IMADIN.

FIGURA 2 – Peças para venda no Bazar do Lar São José



Foto tirada durante o bazar. Arquivo do IMADIN.

<sup>23</sup> Questões raciais não foram o foco de investigação, a instituição não acolhe somente meninas negras, optou-se por fotos que evidenciam a menor quantidade de rostos, para maior privacidade das acolhidas.

#### 4.15 “ME ISOLO E ESQUEÇO DO MUNDO REAL” – 15

Dia: 24 de Abril de 2018, chegada às 17h30min

Público atendido: J (20); P (13); F (16); S (17) e as irmãs D (11) e E (13).

Equipe do IMADIN presente: Patrícia, Luciana, E (18 anos) – mãe da M (2 anos) (voluntária) e Valquíria.

Textos apresentados: “A quase morte do Zé Malandro”. In: AZEVEDO, Ricardo. “Contos de enganar a morte”. São Paulo: Ática, 2003.

A equipe do IMADIN chegou ao abrigo no horário combinado e E (18 anos), mãe da M (2 anos), acompanhava o grupo, mas novamente não quis entrar pela porta da casa. Deu uma desculpa e entrou pelo térreo e se juntou ao grupo apenas na biblioteca. Aparece estar motivada pelo projeto, apesar de relatar suas dificuldades com a adaptação que vem encontrando fora da casa e do desafio de voltar toda semana à antiga morada.

Ao entrar no local e encontrar as acolhidas percebe-se que elas estavam aborrecidas, pois foram impedidas pela administração de participarem do brechó que ocorreu no pátio do Abrigo no dia 19 de abril. Segundo as meninas, houve desentendimento entre elas antes no início do bazar, e, conforme nos informou a administração, elas supunham que estaria alguém da equipe do IMADIN supervisionando a conduta das meninas.

Na biblioteca, antes do início da prática, começou uma conversa sobre o bazar e também que determinados tipos de comportamento não devem acontecer. Desta maneira elas poderiam provar para as educadoras e para a administração da Casa que têm condições de usufruir do bazar para vendas das peças que o Projeto “Nós” promove a confecção. Algumas ainda pareciam desconfortáveis com a situação. Ao serem questionadas pela C (16) as acolhidas relatam que ela foi transferida. S (17) na semana anterior tinha ficado responsável pelos materiais, surpreende a todas ao trazê-los extremamente organizados, agulhas nomeadas, material catalogado e com preço e anotações de vendas pagas e as que ainda aguardam pagamento.

Não foram entregues novos materiais, segundo a equipe do IMADIN, tal atitude foi decidida para que os ânimos não piorassem e as orientações foram para que as

acolhidas se dedicassem as técnicas de maxi crochê já conhecidas. P (13) e F (16) chegam atrasadas e agitadas, são chamadas à calma, se surpreendem, mas respondem bem. P (13) mostra-se desfocada e estranhamente; ela aparenta um semblante mais feliz e leve depois que L (seu filho) foi afastado dela, contudo, parece mais incosequente. A falta de linhas novas proporciona momentos inéditos de compartilhamento e trocas de materiais em busca de solucionar essa questão e concluir as peças.

Devido as conversas iniciais, a parte literária do encontro ficou para o fechamento. Foi bem recebida e, por se tratar de um texto com carga cômica, despertou sorrisos satisfeitos em todas. Ao término do encontro, foi combinado entre elas que seria solicitada mais uma vez a autorização da administração para participarem do brechó no pátio do abrigo na próxima quinta-feira.

## 5 IMPRESSÕES, SENTIMENTOS E DESENVOLVIMENTO PESSOAL

O amor é rede quando,  
malabarista,  
despencamos da corda.  
(PITTA, 2015, p.85).

Meu sentimento ao término dos quatro meses de relato é de satisfação, pois foi possível perceber, neste período, o quanto esta prática é importante para as acolhidas, e, pensando que o projeto ainda não chegou ao fim, pois sua duração será de um ano, ainda será possível concluir objetivos além dos visíveis até o momento. Foi um projeto que iniciou em apenas um espaço, porém a partir de sua relevância, destacada através dos relatos, existe a possibilidade da extensão da proposta, com a intenção de atender outras instituições.

Perceber através dos dados observados e das escritas das acolhidas o quanto é significativo para elas as práticas que o projeto viabiliza e poder ser participante destas experiências, contribuindo durante os encontros e também com meus escritos, acredito ser uma forma de função social do meu conhecimento construído na UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, assim pode-se dizer que é uma devolução à sociedade do investimento feito na minha formação.

De acordo com Rizzini (2007) proporcionar ações realmente efetivas e que consequentemente causem inserção social, para que assim a instituição de acolhimento seja realmente uma medida protetiva de caráter excepcional e transitório.

Compartilhar com elas os sentimentos que surgem, transbordam ou se acalmam nos momentos de contação/leitura ou trabalhos manuais, foi algo que me surpreendeu, e o fato de estar num mesmo espaço, compartilhando dos mesmos acontecimentos e perceber que as práticas favorecem a expressão das acolhidas, me fez pensar que o projeto não será um conto de fadas com final “felizes para sempre”, pois não resolve diretamente suas dores ou problemas, mas é um divisor de águas, pois se existe um lugar em que poderão se expressar, e que serão olhadas nos olhos, escutadas com atenção, esse espaço é proporcionado pelo projeto “Nós”. Porém compreender a empatia que vai crescendo, conforme os encontros vão acontecendo, somente podem ser percebidas com o olhar atencioso ao longo dos relatos. Isso tudo e mais os benefícios que as práticas de contação/leitura e trabalhos manuais proporcionam.

As acolhidas demonstraram, em diversas situações, através de falas e gestos, o quanto o projeto e a equipe do IMADIN são importantes na sua vida. Porém, ao serem convidadas a realizar um texto sobre o projeto, não se sentem à vontade em realizar a escrita, pois, segundo elas, não se sentem confortáveis, já que não gostam da sua letra ou não se acham capazes de escrever algo. Quando foi dito a elas que a produção poderia ser feita conforme sua preferência, foram tranquilizando-se. Assim questionaram se poderiam escrever de maneira informal, assim como estão habituadas nas redes sociais. Para tranquilizá-las, foi dito que poderiam escrever o que sentem, sem questionamentos e, inclusive, foi oferecido o aplicativo do bloco de notas do celular, assim não precisaram preocupar-se com a letra ou com palavras escritas erradas, pois o aplicativo proporciona corretor ortográfico. Assim cada uma das acolhidas pode manusear o aparelho eletrônico, para expressar seus sentimentos.

As Transcrições dos textos são literais. Optou-se por essa opção como forma de respeito a cada uma das meninas que se sentiram à vontade em realizar a produção. A seguir, escrito no qual foi retirado a frase que foi utilizada como títulos dos relatos diários.

*Achei bom porque aprendi coisas que eu acreditei que nunca teria contato com os materiais e histórias. Achei bom o dia, os trabalhos e até ler, que eu não tinha muito interesse. Todas vocês todas as terças é bom porque eu me isolo e esqueço do mundo real. (E 13 anos)*

A seguir, relato importante da acolhida, como a prática proporciona maior tranquilidade. A Pati citada é a Patrícia Magero Pitta (responsável do IMADIN) e Val é a Valquíria Cardoso (contadora/arte-educadora do IMADIN).

*Gosto muito do crochê, da história não gosto quando tem muita leitura, gosto mais das histórias cantadas. Eu me sinto melhor, porque fico mais calma, quando eu tô muito irritada a Pati conversa comigo e a Val me dão muitos conselhos, me escutam quando conversamos. Gosto muito dos trabalhos manuais apesar de achar difícil. (F 16 anos)*

FIGURA 3 – Organização das práticas (acervo IMADIN)



Foto tirada durante um dos encontros. Arquivo pessoal.

O próximo relato consta imagem (emoji) semelhante à escrita das redes sociais. Foi mantido exatamente conforme a acolhida realizou.

*Na aula de crochê as meninas ensinam muitas coisas legais, para eu fazer com elas, me sinto leve eu posso ser eu mesma eu adoro ficar com elas e compartilhar os momentos mais felizes da minha vida. Eu adorei fazer crochê e eu vou me lembrar desses momentos pro resto da minha vida 😊😊😊😊. (E 13 anos)*

Percebe-se piadas internas, brincadeiras e símbolos utilizados nas redes sociais e, nessa escrita em particular, é possível perceber a intimidade da acolhida com as responsáveis do projeto, no texto abaixo.

*O projeto do #Nós é um projeto muito legal, eu aprendi a fazer vários artesanatos e com esses artesanatos e com as pessoas que nos ensinam eu aprendi também a cheirar a florzinha assopra a velinha<sup>24</sup>. Me distraio bastante, ouço*

<sup>24</sup> Uma piada interna do grupo.

*as histórias que a Valsora<sup>25</sup> conta, brincamos e nos divertimos, as poucas horinhas que temos é muito gratificante #ObrigadoNós 😊👏. S (17)*

A ansiedade que aparece pela chegada da terça-feira, no próximo relato, evidencia a importância desse momento para a acolhida.

*A oficina é legal, é legal fazer as mantas de crochê. Eu quero que chegue logo o dia, fico esperando o dia. As histórias cantadas pela Val mudou a minha vida porque eu fiquei mais calma, porque eu consigo fazer as coisas. Primeiro dia que nos ensinaram a fazer a corrente eu aprendi. J (20)*

FIGURA 4 – Contação de história realizada pela Valquíria



Foto tirada durante um dos encontros. Arquivo pessoal.

<sup>25</sup> Nome criado pela acolhida, juntando o nome da Valquíria com a profissão professora.

## 6 VOU ME LEMBRAR DESSES MOMENTOS PARA O RESTO DA VIDA<sup>26</sup>

O talvez é pouco pra dar sentido à vida.  
Mas o nunca é pior.  
(PITTA, 2015, p.70).

A escrita realizada com lápis e papel proporciona-me um afastamento de outras distrações que possam vir acontecer durante os estudos. Por este motivo os primeiros materiais que seleciono, nos períodos destinado para estudo, são os citados acima e não aconteceu diferente na hora da escrita do TCC. Como se fosse um processo, primeiro coloco algumas ideias ou frases “soltas”, depois vou acrescentando mais informações e, no aguardado momento da digitação, começa a preocupação para que a escrita passe para a formalidade. Assim consigo primeiro articular, o melhor possível, as minhas ideias, e depois me dedico à organização do texto em si. Acredito que desta maneira a escrita do meu trabalho de conclusão tenha uma certa ligação com trabalhos manuais, apesar de acreditar que não sou tão habilidosa, é sempre a produção de algum material que me faz perder a noção do tempo e me mantém concentrada por um longo período.

Espero que as meninas acolhidas pela instituição possam ter um pouco desse sentimento: a sensação de ter algo seu, feito pelas próprias mãos. Espero, que em algum momento, elas possam dar-se conta que o aprendizado delas nas práticas é muito maior do que o meu TCC, com os meus relatos, é capaz de descrever.

Foi possível notar, a partir dos materiais expostos, os efeitos que as práticas de contação/leitura de obras de literatura clássica associada ao trabalho manual neste ambiente institucionalizado e com os sujeitos que se encontram, cada qual com sua vulnerabilidade social.

Observar como está iniciando nas acolhidas o sujeito leitor, como a prática está sendo construída e não se pode acreditar que em curto prazo se transformará um hábito de todas, porém percebe-se a busca pelos livros está virando uma rotina, além dos encontros, também em seus quartos à noite antes de dormir. O avanço foi gradual, as primeiras leituras foram solicitadas ajuda para escolha dos títulos, foi percebido que elas necessitavam observar como essa escolha acontece, para aos poucos

---

<sup>26</sup> Título retirado do texto da acolhida (E 13 anos), conforme transcrição já realizada.

sentirem-se confortáveis em manuseá-los frente à prateleira para realizar a definição do livro que seria lido após.

O processo foi diferente nas crianças de menor idade, pois também precisaram de alguns dias para adaptar-se ao espaço e às pessoas. Porém houve a tranquilidade em retirar todos os livros da prateleira, manusear diversos livros sem preocupação alguma, até encontrar algum que fosse de maior interesse.

Foi percebido uma evolução nesse processo de escolha, chegar em frente a prateleira manusear os livros, realizar a escolha de um título ou mais, sentar-se no tapete ou em uma cadeira e realizar a leitura foi uma prática que aconteceu de forma gradual. Também se tornou comum perceber as acolhidas com um livro em mãos, para realizar a leitura em outros momentos, além dos que o projeto proporciona, na terça-feira.

Não houve uma fórmula mágica para dar início na construção do sujeito leitor, foi proporcionado momentos em que a literatura é vista como essencial, tornando algo importante para elas ao longo de suas rotinas. A leitura virou prazer e não uma obrigação. E foi possível observar que a postura e a forma de manusear os livros ao longo das contações de histórias realizadas para as acolhidas, foram apropriadas<sup>27</sup> por elas durante suas práticas de leituras.

Assim percebe-se a validade destes encontros por vários motivos, sendo alguns deles: o prazer pela literatura e pelo trabalho manual; desenvolvimento cognitivo proporcionado pelas práticas; desenvolvimento das relações interpessoais; autoelaboração principalmente a partir dos contos clássicos; as relações interpessoais e habilidade de, por exemplo, saber lidar com as vendas das peças produzidas e lidar com a renda adquirida.

Pensando nas especificidades delas, pois devido as questões cognitivas algumas, mesmo após a maioria terão necessidade de permanecer em um espaço institucionalizado, outras retornarão à família ou ocorrerá a inserção em uma nova família, percebe-se que de uma forma ou de outra que o projeto “Nós” proporcionou as acolhidas alguns efeitos. Haverá aquela que utilizará como subterfugio para seus sentimentos, quem sinta prazer e a prática seja um momento de bem-estar, quem

---

<sup>27</sup> A palavra apropriação remete ao fato de apropriar-se das posturas vista durante as contações que foram realizadas para elas e assim repetirem com grande semelhança.

utilize os trabalhos manuais como fonte de renda e exercite o planejamento financeiro, também tem crianças pequenas que já estão inseridos num meio literário. As acolhidas, a partir das possibilidades que o projeto viabilizou, farão a autoelaboração dos seus sentimentos e terão seu cognitivo desenvolvido.

O texto ilustra o papel da literatura na solução de conflitos, e por isso percebe-se o quão apropriado para situações de vulnerabilidade. É visível que os encontros estão servindo para reforçar a ideia de que, apesar das dificuldades, cada breve instante de satisfação, cada ganho, cada pequeno novo passo dado, devem ser valorizados e computados.

Percebeu-se que a prática proporcionou situações que as acolhidas não estão habituadas e que em muitas vezes, isso gerou atritos quando não estão supervisionadas, como por exemplo a fala da educadora/cuidadora em um dos relatos, que elas foram ríspidas e discutiram ao realizar a escolha de materiais ao longo da semana. Porém, é necessário pensar que essas experiências são extremamente válidas para o desenvolvimento do ser, a cada experiência vivida ali, que pode ser discutida e reorganizada, sempre com conversas que valorizam os momentos de respeito, até que chegue o momento em que o diálogo ocorra e o compartilhamento dos materiais façam elas pensar no coletivo e entenderem que assim uma será capaz de pensar na outra.

Também foi possível perceber que há um limite que incapacita uma melhor evolução das acolhidas com as práticas, que está relacionado ao tempo reduzido no qual a prática acontece que, inclusive, aparece nas escritas das acolhidas. Também corrobora a falta de adesão dos profissionais da instituição em relação a manter esta prática ao longo da semana. Impossibilitando a ida das acolhidas até a biblioteca em outros dias, e por vezes, não disponibilizando tempo para estar junto das acolhidas na prática dos trabalhos manuais, pois o manuseio de tesouras, por exemplo, somente pode ocorrer com supervisão.

Ainda é preciso conseguir que as educadoras se conscientizem de que essa prática é algo que desacomoda pelo fato de gerar situações que precisam ser trabalhadas, mas que os benefícios são muito maiores, sendo estas experiências importantes para o desenvolvimento da autonomia das acolhidas, visando o momento que estarão fora da instituição e sejam capazes de resolver seus conflitos. Ficou evidente que a maioria das profissionais está ali para cumprir suas tarefas e não

compreende a validade de acolherem as práticas como uma de suas tarefas, pois proporciona o desenvolvimento das acolhidas.

As conversas são sempre produtivas, às vezes motivadoras, outras cobrando uma certa organização e postura em relação à convivência respeitosa entre elas. Esses momentos de diálogos proporcionaram um laço de respeito e afeto que contribuiu para a abertura das falas das meninas. Inclusive em uma das conversas sobre o descontentamento das acolhidas sobre algumas situações que aconteceram na Casa - que surgiu no meio de outra conversa sobre a organização das listas das peças produzidas -, assim no meio dessa mistura de conversas, ocorreu uma reflexão que uma das acolhidas compartilhou com todas, sobre que elas precisam fazer: anotações sobre os acontecidos para dialogar com a responsável por elas no Ministério Público, pois algumas já tinham participado e outras ainda teria suas reuniões para falar de suas vivências ali na casa.

Para todo aquele que se relaciona à sua maneira com a literatura, o benefício por si só é a literatura e tudo que ela potencializa para cada indivíduo. Influencia no modo como cada uma expressa suas emoções, compreende determinados sentimentos e atitudes, além de todo processo de estimular a imaginação. Por isso reforço a ideia do quanto as vivências proporcionadas nesses meses foram importantes, pois essas experiências precisam ocorrer em algum espaço, mesmo que seja dentro da instituição de acolhimento, que a longo ou curto prazo, é a sua instituição familiar.

A cada conto narrado com entusiasmo ocorre a estimulação da imaginação de cada criança, que assim poderá fazer relações das narrativas. O seu universo literário irá se relacionar com seu próprio universo que sem dúvidas irá conduzir em cada indivíduo um sentimento ou um determinado comportamento individual, para que seja capaz de representar a sua compreensão de mundo. Irá refletir a longo prazo no seu desenvolvimento até a vida adulta. Trago BUSATTO (2008) para ancorar minha perspectiva sobre a vivência literária:

Aonde a criança vai encontrar um caminho que lhe assegure que a vida vale a pena ser vivida, mesmo não sendo cor-de-rosa, como querem muitos? Que vamos encontrar sim a dor, a frustração e muitos *não* pela frente, mas ao permitirmos que eles andem ao lado da alegria e dos *sim* seremos mais plenos. Onde buscar imagens significativas, símbolos referenciais que auxiliem um crescimento íntegro, sob quaisquer circunstâncias? (BUSATTO, 2008, p.50).

A leitura proporciona descobrir novas culturas, aumenta as conexões neurais, desenvolve e melhora a imaginação, estimula a criatividade, entre tantos outros benefícios. Mas o que acredito ser importante mencionar neste momento, é exercitar o seu olhar sobre o seu próprio cotidiano, poder conhecer outras formas de enxergar um mesmo fato, sensibilizar-se com a história e/ou com a personagem. Acalmando ou aflorando determinados sentimentos, para os que leem, os livros possibilitam encontrar um refúgio das diversas situações que perpassam a vida. A literatura nos proporciona reflexões que não seria possível se ficássemos presos as nossas rotinas do cotidiano, sem poder vivenciar novas experiências a partir das obras literárias

Considerando a arte por si mesma, arte pela arte, sem ter obrigação de criar algo a partir, isto é, sem ter um único objetivo esperado é evidente que a literatura pode ser considerada uma arte engajada, como ação social de desenvolvimento pessoal e humano.

Propiciar experiências construtivas, através de contações de textos literários que possibilite criar meios de desenvolvimento do indivíduo, para que seja capaz de elaborar questões reflexivas, pensando em um desenvolvimento consciente e autônomo. Para que seja capaz de motivar uma busca, de novos caminhos fora da instituição de acolhimento, com novas possibilidades e perspectivas.

A literatura e, mais especificamente as obras clássicas, que foram as trazidas para as contações de histórias do projeto e as artes manuais influenciaram no desenvolvimento psicossocial e cognitivo. Pensando nas meninas que vivenciaram essas práticas, e suas vulnerabilidades, essas experiências são/foram capazes de auxiliá-las a uma melhor reflexão sobre suas vidas fora da instituição.

No livro “A arte de ler ou como resistir à adversidade”, Michèle Petit traz relatos a respeito da literatura, tanto em contexto individual, quanto no coletivo, como fonte de elaboração emocional e de bem-estar. Em lugares com contextos de perdas, repetidas violências ou guerras, foi possível constatar, através de dados, o aumento na leitura, a busca por bibliotecas e livros. A autora menciona como a literatura nutre a vida e contribuiu para uma reconstrução de si mesmo.

Mas em algum momento da vida, cada um de nós é um “espaço em crise”. Os seres humanos têm, diga-se, uma predisposição originária, antropológica, à crise: nascendo prematuro, nós somos marcados por uma fragilidade cujos vestígios permanecem ao longo da vida. Porém, saídas nos são oferecidas para que não sejamos atingidos pelos componentes destrutivos daquilo com que somos confrontados. (PETIT, 2009, p.17).

“Salvar” foi uma palavra bastante encontrada nos relatos do livro da autora, a literatura como elemento essencial de autoelaboração, em contextos de rupturas, ainda por cima, quando são associadas a perdas de casas ou de familiares. Podemos dizer que ao construir esse contato com as obras literárias e com as artes manuais, através de um espaço organizado para as atividades, materiais especificamente escolhidos e orientação, proporcionou um encontro com o papel reflexivo e revelador da vida. Portanto, é possível dizer que o projeto viabilizou/viabiliza meios de autoconstrução.

Contar e ouvir história agem como uma pequena clareira nesse bosque, um espaço onde se vê a luz das estrelas, onde as crianças podem exercitar de forma especial seus poderes de enxergar longe, além do que a vista alcança. Longe em anos-luz, e longe no tempo, desde o passado mítico ao futuro intergaláctico. E podem exercitar ao mesmo tempo a possibilidade de se sentirem radicalmente perto de si mesmas, enquanto o coração bate forte e os pelinhos do braço arrepiam de emoção. (GIRARDELLO, Gilka, 2014. p.10).

Assim pode-se dizer que o projeto “Nós: quem conta um conto aumenta um ponto”, criado pelo instituto Maria Dinorah, com suas práticas de contações/leituras de obras clássicas, associada aos trabalhos manuais viabilizam a formação leitora, das acolhidas proporcionando assim, uma clareira no bosque, em suas vivências.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. PREFEITURA DE POÇOS DE CALDAS. Edital nº 001/CMDCA/2017. Disponível em:

<[https://www.google.com.br/search?q=um+edital+pelo+Conselho+Municipal+do+Direito+da+Crian%C3%A7a+e+do+adolescente+\(CMDCA\)%2C+de+Po%C3%A7os+de+Caldas%2FMinas+Gerais&oq=um+edital+pelo+Conselho+Municipal+do+Direito+da+Crian%C3%A7a+e+do+adolescente+\(CMDCA\)%2C+de+Po%C3%A7os+de+Caldas%2FMinas+Gerais&aqs=chrome..69i57.1118j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com.br/search?q=um+edital+pelo+Conselho+Municipal+do+Direito+da+Crian%C3%A7a+e+do+adolescente+(CMDCA)%2C+de+Po%C3%A7os+de+Caldas%2FMinas+Gerais&oq=um+edital+pelo+Conselho+Municipal+do+Direito+da+Crian%C3%A7a+e+do+adolescente+(CMDCA)%2C+de+Po%C3%A7os+de+Caldas%2FMinas+Gerais&aqs=chrome..69i57.1118j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8)>.

Acesso em: 03 jun. 2018

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p.123.

CASTRO, Amanda Motta. TEIXEIRA, Cintia Andréa Dornelles. **Arte, técnica, processo de conhecimento**: A inventabilidade pedagógica de mulheres na tecelagem manual. Vol.3, N.1, Jan. - Abr. 2015

DINIZ, Lígia et al (Org.). **Mitos e arquétipos na arteterapia**: os rituais para se alcançar o inconsciente. 2.ed. Rio de Janeiro: Wak, 2014. p.172.

GIRARDELLO, Gilka. **Uma clareira no bosque**: contar histórias na escola. São Paulo: Papyrus, 2014. p.108.

GERTZE, Jurema Mazuhy, extraído do livro **Casa da Roda: Guia de fontes**. Porto Alegre: ISCMPA, 1997. <disponível em:

[http://www.centrohistoricosantacasa.com.br/historia\\_conteudo/roda-dos-expostos/](http://www.centrohistoricosantacasa.com.br/historia_conteudo/roda-dos-expostos/)

Acesso em: 15 jul. 2018

PETIT, Michèle. **A arte de ler**: ou como resistir à adversidade. São Paulo: 34, 2009. p.300.

PITTA, Patrícia (Org.). **Maria Dinorah Luz Do Prado**: que falta que ela nos faz. Porto Alegre: Arte em Livros, 2015. p.168.

BRASIL. UNICEF. **O UNICEF e a garantia dos direitos da infância e da adolescência no Brasil**- Brasília (DF): Escritório da Representação do UNICEF no Brasil. Disponível em:

<[https://www.unicef.org/brazil/pt/overview\\_9489.html](https://www.unicef.org/brazil/pt/overview_9489.html)>

Acesso em: 15 jul. 2018

PEREIRA, Tânia da Silva. **Famílias possíveis**: novos paradigmas na convivência familiar. In: PEREIRA, Rodrigo da Cunha. (coord.). Afeto, Ética Família e o Novo Código Civil, Belo Horizonte: Del Rey, 2004. p.633 – 656. 685p.

RIZZINI, Irene, PILOTTI, Francisco, (orgs.) **A arte de governar crianças**: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. São Paulo, Ed. Cortez. 2011.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Autorização de uso de imagem



"AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E RESPECTIVA CESSÃO DE DIREITOS (LEI N. 9.610/98)

Pelo presente Instrumento Particular, eu, PATÁCIA INDIARA MAGERO PITTA, RG. 104345777

responsável legal por IMADIN - Instituto Maria Dinorah

\_\_\_\_\_, por este e na melhor forma de direito, AUTORIZO, de forma gratuita e sem qualquer ônus, a pesquisadora Taynara Lopes de Bairros, a utilização de imagem e de trabalhos vinculados ao Projeto "Nós" que ocorre na instituição de acolhimento Lar São Manoel, localizado na rua São Manoel, 1909 - Santana, Porto Alegre - RS, 90620-110.

Artigo 79.º CODIGO CIVIL (Direito à imagem)

- 1- O retrato de uma pessoa não pode ser exposto, reproduzido ou lançado no comércio sem o consentimento dela; depois da morte da pessoa retratada, a autorização compete às pessoas designadas no n.º2 do artigo 71.º, segundo a ordem nele indicada.
- 2- Não é necessário o consentimento da pessoa retratada quando assim o justificarem a sua notoriedade, o cargo que desempenhe, exigências de polícia ou de justiça, finalidades científicas, didáticas ou culturais, ou quando a reprodução da imagem vier enquadrada na de lugares públicos, ou na de factos de interesse público ou que hajam decorrido publicamente.
- 3- O retrato não pode, porém, ser reproduzido, exposto ou lançado no comércio, se do facto resultar prejuízo para a honra, reputação ou simples decoro da pessoa retratada

Nome do responsável legal: PATÁCIA INDIARA MAGERO PITTA

Assinatura: 

Porto Alegre, 23 de junho de 2018

## APÊNDICE B – Autorização de uso de imagem



“AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E RESPECTIVA CESSÃO DE DIREITOS (LEI N. 9.610/98)

Pelo presente Instrumento Particular, eu, Michele Alfama das Neves

RG. 8061912575

responsável legal por Lar de São José

\_\_\_\_\_, por este e na melhor forma de direito, AUTORIZO, de forma gratuita e sem qualquer ônus, a pesquisadora Taynara Lopes de Bairros, a utilização de imagem e de trabalhos vinculados ao Projeto “Nós” que ocorre na instituição de acolhimento Lar São Manoel, localizado na rua São Manoel, 1909 - Santana, Porto Alegre - RS, 90620-110.

Artigo 79.º CODIGO CIVIL (Direito à imagem)

- 1- O retrato de uma pessoa não pode ser exposto, reproduzido ou lançado no comércio sem o consentimento dela; depois da morte da pessoa retratada, a autorização compete às pessoas designadas no n.º2 do artigo 71.º, segundo a ordem nele indicada.
- 2- Não é necessário o consentimento da pessoa retratada quando assim o justificarem a sua notoriedade, o cargo que desempenhe, exigências de polícia ou de justiça, finalidades científicas, didáticas ou culturais, ou quando a reprodução da imagem vier enquadrada na de lugares públicos, ou na de factos de interesse público ou que hajam decorrido publicamente.
- 3- O retrato não pode, porém, ser reproduzido, exposto ou lançado no comércio, se do facto resultar prejuízo para a honra, reputação ou simples decoro da pessoa retratada

Nome do responsável legal: Michele Alfama das Neves

Assinatura: Michele A. das Neves

MICHELE ALFAMA  
Coord do Abrigo:

92.960.186/0001-49  
LAR DE SÃO JOSÉ  
Rua São Manoel, 1.909 - POA/RS  
Santana - CEP: 90.620-110

Porto Alegre, 25 de junho de 2018